

ENTREVISTA **Fernando Barbosa Mota**, diretor comercial da JFL Alarmes
RONDA DE VIGILANTES Tecnologia não substitui a atividade

SECURITY

Ano XV | nº 152 | R\$ 15,00 | www.revistasecurity.com.br | Abril

BRASIL

Indústrias de alto valor agregado

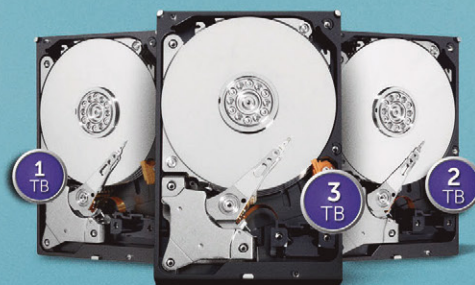
Investimento em programas de segurança é primordial para garantir a proteção dos produtos



Quando o assunto é segurança, a gente pensa em tudo.

Não arrisque. Disco rígido é só WD Purple™

A Intelbras, em parceria com a WD, oferece discos rígidos desenvolvidos para o uso em CFTV. Ao contrário dos discos rígidos comuns para computadores, eles são otimizados para uso em DVR e NVR, com gravação 24 horas por dia, 7 dias por semana. Além de consumirem menos energia, dissipam melhor o calor e emitem menos ruídos.



DVR Série 3000

Saiba mais sobre as vantagens do DVR Série 3000 com HD integrado. Para mais informações, consulte um Distribuidor Intelbras.



LEVE
1 DVR + 1 HD
E PAGUE
MENOS.

Exija o selo WD Purple™ na compra de HDs para CFTV.



REVISTA SECURITY BRASIL - ANO XV - Nº 152 - abril de 2015 é uma publicação mensal da Cipa FM Publicações e Eventos Ltda. Publicação específica para a área de segurança privada e eletrônica. As matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam, necessariamente, a opinião da Revista Security Brasil. As matérias publicadas poderão ser reproduzidas, desde que autorizadas por escrito pela Cipa FM Publicações e Eventos Ltda., sujeitando os infratores às penalidades legais.

CIPA FIERA MILANO PUBLICAÇÕES E EVENTOS LTDA

ADMINISTRAÇÃO, CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS, MARKETING E PUBLICIDADE

ENDEREÇO Av. Angélica, 2491 - 20º andar - São Paulo (SP)

FONE (11) 5585-4355 **FAX** (11) 5585-4355 **PORTAL:** www.fieramilano.com.br

DIRETOR-GERAL Marco Antonio Mastrandonakis

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Graziano Messana

DIRETOR-COMERCIAL E VENDAS Rimantas Ladeia Sipas (rimantas.sipas@fieramilano.com.br)

EDITOR - REVISTA SECURITY Luiz Carlos Gabriel, MTb 7.708 (luiz.gabriel@fieramilano.com.br)

PUBLICIDADE Fone (11) 5585-4355 comercial@fieramilano.com.br

SECRETÁRIA Sueli Ferreira (sueli.ferreira@fieramilano.com.br)

ASSISTENTE DE VENDAS INTERNACIONAIS: Caique Ferraz (carlos.ferraz@fieramilano.com.br)

ASSINATURAS Samara Andrade (samara.andrade@fieramilano.com.br)

REALIZAÇÃO



Rua Félix de Souza, 305 - Vila Congonhas

CEP 04612-080 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 5095-0096

www.brasilmediacommunications.com

DIRETOR DE REDAÇÃO Marcelo Couto

DIRETOR DE ARTE Roberto Gomes

EDITOR Luiz Carlos Gabriel, MTb 7.708 (luiz.gabriel@fieramilano.com.br)

REDAÇÃO - REPÓRTERES/REDATORES Adriane do Vale (adriane.vale@editoracasanova.com.br); Bruno Ribeiro (bruno.ribeiro@editoracasanova.com.br); Clarisse Souza (clarisse@editoracasanova.com.br) e Débora Luz (debora.luz@editoracasanova.com.br).

ASSISTENTES DE ARTE Jessica Guedes e Paulo Sepúlveda

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO Adelar Anderle; Antonio Carlos Biagioni; Antonio Celso Ribeiro Brasiliano; Claudemir Martins; Diógenes Viegas Dalle Lucca; Emília Sobral; Erasmo Prioste; Hubert Gebara; Luciana Fleury; Simone Alves e Wanderley Mascarenhas de Souza.

CAPA SHUTTERSTOCK

IMPRESSÃO Gráfica Grass

TIRAGEM 7.000 exemplares

REVISTA SECURITY BRASIL® Registrada no Ministério da Indústria e Comércio, Secretaria de Tecnologia Industrial, Instituto Nacional da Propriedade Industrial sob o número 820.830.720.



serviços

ATENDIMENTO

Edições anteriores, promoções, preços e alteração de dados cadastrais (endereço, número de telefone, forma de pagamento etc.).

Fone: **(11) 5585-4355**

Site: www.fieramilano.com.br • E-mail: comercial@fieramilano.com.br

ANUNCIE

Fone: **(11) 5585-4355**

Site: www.fieramilano.com.br • E-mail: comercial@fieramilano.com.br

FALE COM A REDAÇÃO

Fone: **(11) 5095-0096**

E-mail: debora.luz@editoracasanova.com.br

Editorial

A INSEGURANÇA DA SEGURANÇA

Todas as vezes que se tem um problema, sempre se procura uma solução que atenuie ou acabe com a situação indesejada.

O que se espera dessa solução é que nos livre do assunto e nos devolva a tranquilidade necessária para prosseguirmos em nossas atividades.

Isso ocorre com muita frequência nas questões de segurança. Quando dela nos socorremos, é no sentido de nos proteger e evitar que sejamos alvo de ataques ou sinistros que põem em risco nossa atividade, em particular, a empresarial.

Mas há, em alguns momentos, um grande sentimento de dúvida quando jornais e os outros meios de comunicação divulgam em seus noticiários que empresas, prestadoras de serviços de segurança e proteção para pessoas e bens são alvos de delitos, tais como roubos, furtos e invasões.

Ações, acontecendo onde não poderiam ocorrer, deixam um rastro de desconfiança não só nos empresários como, principalmente, nos leigos não afeitos aos assuntos de segurança.

Mais do que nunca, a segurança nas empresas é importante. Desse segmento dependem muitas organizações para a continuidade de seus trabalhos produtivos.

Temos que tomar muito cuidado. Segurança e proteção que não protegem prestam um grande desserviço para a atividade, que já se impôs com trabalhos de excelente qualidade, criando um conceito muito bom nas suas aplicações.

JFL ALARMES 2014

NOVA LINHA DE CÂMERAS JFL ALARMES Você vai se surpreender!!!

CD-1020 DOME

Câmera infravermelho dome com alcance de 20 metros.

- Resolução horizontal de 700 TVL (1/3 DIS).
- Alcance de 20 metros.
- Lente de 3.6mm (M12).
- AGC e BLC.
- Larga faixa de temperatura de operação (-40°C até 60°C).
- Case IP66 (proteção contra poeira e chuva) e anti-vandalismo.
- Uso interno e externo.



CD-1030

Câmera infravermelho com alcance de 30 metros.

- Resolução horizontal de 700 TVL (1/3 DIS).
- Alcance de 30 metros.
- Lente de 3.6mm (M12).
- AGC e BLC.
- Case IP66.
- Larga faixa de temperatura de operação (-40°C até 60°C).
- Uso interno e externo.



CD-1050 SL

Câmera infravermelho Super Led com alcance de 50 metros.

- Resolução horizontal de 700 TVL (1/3 DIS).
- Alcance de 50 metros.
- Lente de 8mm (M12).
- BLC.
- Case IP66 e anti-vandalismo.
- Larga faixa de temperatura de operação (-40°C até 60°C).
- Uso interno e externo.



CD-1060 VF

Câmera infravermelho varifocal com alcance de 60 metros.

- Resolução horizontal de 700 TVL (1/3 DIS).
- Alcance de 60 metros.
- Lente varifocal 2.8 até 12mm.
- Uso interno e externo.
- AGC e BLC.
- Case IP66 e anti-vandalismo.
- Larga faixa de temperatura de operação (-40°C até 60°C).



SP-3000 DOME

Câmera speed dome 1/4" Sony CCD.

- 1/4" Sony CCD.
- Resolução horizontal de 540 TVL.
- Zoom óptico de 23x.
- Zoom digital de 16x.
- 3D intelligent positioning.
- 3D DNR, DWDR, AGC e BLC.
- Case IP66 e anti-vandalismo.
- Larga faixa de temperatura de operação (-30°C até 65°C).
- 8 máscaras de privacidade programáveis.
- Diversas funções.
- DDNS JFL gratuito (www.jfldns.com.br).
- Verdadeiro day/night.
- Suporte para fixação vendido separadamente.



SP-3100 DOME

Câmera infravermelho speed dome 1/4" Sony CCD com alcance de 100m.

- 1/4" Sony CCD.
- Alcance de 100m.
- Resolução horizontal de 540 TVL.
- Zoom óptico de 23x.
- Zoom digital de 16x.
- 3D intelligent positioning.
- 3D DNR, DWDR, AGC e BLC.
- Case IP66 e anti-vandalismo.
- Larga faixa de temperatura de operação (-30°C até 65°C).
- 8 máscaras de privacidade programáveis.
- Diversas funções.
- DDNS JFL gratuito (www.jfldns.com.br).
- Verdadeiro day/night.
- Suporte para fixação vendido separadamente.



CD-2015 DOME IP

Câmera infravermelho dome IP com alcance de 15 metros.

- Resolução HD (1.3 megapixel).
- Alcance de 15 metros.
- Vídeo HD em tempo real.
- PoE.
- Entrada para cartão Micro SD (até 64GB).
- Case IP66 e anti-vandalismo.
- 3D DNR, DWDR e BLC.
- Uso interno e externo.
- DDNS JFL gratuito (www.jfldns.com.br).



CD-2030 IP

Câmera infravermelho IP com alcance de 30 metros.

- Resolução HD (1.3 megapixel).
- Alcance de 30 metros.
- Vídeo HD em tempo real.
- PoE.
- Case IP66 e anti-vandalismo.
- Design compacto.
- Lente de 4mm.
- 3D DNR, DWDR e BLC.
- Uso interno e externo.
- Suporte para fixação incluso.
- DDNS JFL gratuito (www.jfldns.com.br).



CD-2015 IP

Câmera infravermelho IP com alcance de 15 metros.

- Resolução HD (1.3 megapixel).
- Alcance de 15 metros.
- Vídeo HD em tempo real.
- PoE.
- Sensor PIR.
- Alto-falante e microfone embutidos.
- 3D DNR, DWDR e BLC.
- Uso interno e externo.
- DDNS JFL gratuito (www.jfldns.com.br).



JFL ALARMES 2014

DVRs com design diferenciado,
QUALIDADE e TECNOLOGIA insuperáveis!!!

Disponível em 4, 8 e 16 canais.



WD1
RESOLUÇÃO

SAÍDA VGA
Full HD
1920x1080

- Gravação de todos canais em WD1.
- Saída VGA FULL HD (1920x1080).
- Função Pentaplex Real.
- Compressão de vídeo (H.264).
- Suporta HD SATA até 4TB.
- Proteção contra edição e exclusão de arquivos.
- Aplicativos JFL gratuitos para gerenciamento: WD-Mob e WD-Desk*.
- Interface em português rápida e prática para os usuários.
- Modo HD Stand-by (economia de energia).
- Zoom digital de 16x em tempo real ou reprodução.
- Acesso simultâneo para até 128 usuários**.



Acesse o site
www.jfl.com.br
conheça todas as soluções JFL Alarmes.



* Suporta até 256 DVRs e máximo de 1.024 câmeras. ** WD-4004: 32 usuários, WD-4008 e WD-4016: 128 usuários.

JFL ALARMES 2014

LINHA DE INCÊNDIO: Conheça a mais nova família de produtos JFL.

VULCANO-400

Central de alarme de incêndio para até 403 dispositivos.

- Aceita ligação tipo Classe A e B.
- Baixo consumo.
- Possui 4 laços endereçados para até 396 dispositivos (ligação de 2 e/ou 4 fios).
- Melhor relação do mercado capacidade X consumo X tamanho.
- Até 7 entradas para sensores convencionais.
- Função Bootloader.
- Programação remota por teclado.
- Compacta.



TCI-100

Teclado LCD para conexão a sistemas de alarme de incêndio.

- Fácil instalação.
- Auxilia na programação, operação e supervisão da central de incêndio.
- Função Bootloader.
- Maior confiabilidade no uso de todo sistema.
- LCD de 16 x 02 (16 colunas por 2 linhas) backlight azul.



AMI-700

Acionador de alarme de incêndio manual com indicação luminosa de status.

- Baixo consumo.
- Indicação luminosa de status.
- Conexão de 2 ou 4 fios.
- Distância de comunicação de até 1km (2 ou 4 fios).
- Fácil instalação.
- Autoteste.
- Chave de rearme mecânico.



DTI-700

Detector óptico de fumaça microcontrolado com algoritmo de detecção otimizado.

- Baixo consumo.
- Indicação luminosa de status.
- Conexão de 2 ou 4 fios.
- Distância de comunicação de até 1km (2 ou 4 fios).
- Fácil instalação.
- Autoteste.
- Equipamento microcontrolado com algoritmo de detecção de fumaça otimizado.



ASI-1000

Ativador setorial de cargas remotas.

- Sirene endereçada para incêndio.
- Acionador de carga (relé).
- Indicação luminosa de status.
- Conexão de 2 ou 4 fios.
- Distância de comunicação de 1km (2 fios ou 4 fios).
- Fácil instalação.



DTC-700

Detector de fumaça convencional.

- Baixo consumo.
- Indicação luminosa de status.
- Opção para acionamento normalmente aberto ou normalmente fechado.
- Fácil instalação.
- Equipamento microcontrolado com algoritmo de detecção de fumaça otimizado.



ISP-1000

Isolador passivo para sistemas de incêndio.

- Baixo consumo.
- Não há a necessidade de alimentação externa.
- Indicação luminosa de status.
- Re-teste automático de curto no barramento.
- Fácil instalação.
- Equipamento microcontrolado.



RS1-1000

Repetidor de sinal.

- Baixo consumo.
- Aumento da distância máxima de comunicação.
- Proteção contra curto no barramento.
- Alimentação independente da central.
- Re-teste automático de curto no barramento.
- Equipamento microcontrolado.
- Espaço para bateria interna.



SI-115

Sirene de parede com indicação luminosa.

- Potência do som: 115 dB a 1 metro.
- Consumo: 180 mA.
- Tensão de alimentação: 22V a 26V.
- Acionamento de sirene e strobe juntos ou independentes.



Sirene piezoelétrica

Sirene para sistemas de incêndio.

- Potência do som: 115 dB a 1 metro.
- Baixo consumo.
- Consumo: 180 mA.
- Tensão de alimentação: 22V a 26V.



JFL ALARMES 2014

ELETRIFICADORES CERTIFICADOS PELO INMETRO.

SHOCK-8 LITE

Eletrificador 0,5J para cerca elétrica com arme/desarme por chave.

- Ideal para empresas de monitoramento que não necessitam de setor de alarme.
- Excelente custo/benefício.
- Saída para conexão com centrais de alarme.
- 3 opções de disparo de sirene.
- Tensão de saída de 8.000V.
- Comprimento máximo de fiação de 1.600m lineares.



SHOCK-8 PLUS

Eletrificador 0,5J para cerca elétrica 1 zona de alarme para sensores com fio.

- Saída para conexão com centrais de alarme.
- 3 opções de disparo de sirene.
- Possui entrada liga.
- Tensão de saída de 8.000V.
- Comprimento máximo de fiação de 1.600m lineares.

ECR-8 PLUS

Eletrificador 0,5J para cerca elétrica com 1 zona de alarme mista com acionamento independentes.

- Melhor custo/benefício do mercado, central de alarme e eletrificador em um só produto.
- 3 opções de disparo de sirene.
- 2 modos de programação de arme/desarme.
- Tensão de saída de 8.000V.
- Possui entrada liga.
- Comprimento máximo de fiação de 1.600m lineares.



Eletrificador 2J para cerca elétrica com 1 zona de alarme com fio.

- Saída constante de tensão, não existe variação da tensão enviada para a cerca independente do tamanho da fiação.
- Proteção contra descarga total da bateria, essa função evita que a bateria seja totalmente descarregada aumentando assim a vida útil da mesma.
- Retorno terra inteligente, monitora o circuito de aterramento para que caso ocorra o interrompimento do mesmo, a sirene é disparada.
- Possui 1 zona com função imediata ou temporizada.
- Possui entrada liga.
- 3 opções de disparo de sirene.
- Tensão de saída de 8.000V.
- Comprimento máximo de fiação até 5.000m lineares*.

ECR-8 i

Eletrificador 2J para cerca elétrica com 1 zona mista de alarme.

- Eletrificador e central de alarme em um só produto.
- Saída constante de tensão, não existe variação da tensão enviada para a cerca independente do tamanho da fiação.
- Proteção contra descarga total da bateria, essa função evita que a bateria seja totalmente descarregada aumentando assim a vida útil da mesma.
- Retorno terra inteligente, monitora o circuito de aterramento para que caso ocorra o interrompimento do mesmo, a sirene é disparada.
- Possui entrada liga.
- 3 opções de disparo de sirene.
- 2 modos de programação de arme/desarme para o controle remoto.
- Tensão de saída de 8.000V.
- Comprimento máximo de fiação até 5.000m lineares.



ECR-8 DISC

Eletrificador 0,5J para cerca elétrica com 1 zona mista de alarme e discadora integrada.

- Eletrificador, central de alarme e discadora em um só produto.
- Permite a discagem para até 4 números telefônicos.
- Saída constante de tensão, não existe variação da tensão enviada para a cerca independente do tamanho da fiação.
- Possui entrada liga.
- 3 opções de disparo de sirene.
- 2 modos de programação de arme/desarme para o controle remoto.
- Tensão de saída de 8.000V.
- Comprimento máximo de fiação até 1.600m lineares.

Acesse o site
www.jfl.com.br
conheça todas as soluções JFL Alarmes.



JFL ALARMES 2014

CENTRAIS MONITORADAS: As mais alta tecnologias do mercado.

Disponível
com teclado
LCD ou LED.

Homologado pela



ACTIVE-8 ULTRA

Arme/desarme via telefone ou SMS*.
2 partições reais. Programação
por computador.

- 48 usuários.
- 2 partições reais.
- Até 4 teclados endereçáveis.
- Até 12 zonas: 4 zonas duplas + 1 zona por teclado.
- Arme/desarme via telefone.
- Disponível com teclado LCD e LED.
- Função ronda.
- Modo duplo de reporte.
- Função discadora com 4 telefones.
- Com transformador.
- Função chime para todas as zonas.
- Programação por cabo programador JFL* ou remota via modem.
- Monitora saída auxiliar, sirene, bateria, teclados e linha telefônica.
- Módulo GPRS* com 2 SIM Cards, opção de arme/desarme via SMS e envio de mensagens no disparo.

ACTIVE-20 ULTRA

Central monitorável até 20 zonas com transformador,
duas partições reais e modo duplo de reporte.

- 95 usuários, 3 temporários, usuário mestre e instalador.
- Arme/desarme via telefone.
- Função Ronda.
- Transformador.
- Entrada liga independente.
- Até 4 teclados endereçáveis.
- Até 20 zonas: 8 zonas duplas + 1 zona por teclado.
- 1 saída PGM com relé.
- Função discadora com 4 telefones.
- Auto-arme por não movimento.
- Função chime para todas as zonas.
- Programação remota via modem.
- Monitora saída auxiliar, sirene, bateria, teclados e linha telefônica.
- Módulo ETHERNET 10/100 base T* e Módulo GPRS* com 2 sim cards*.



Homologado pela



ACTIVE-20 GPRS

Central monitorável até 20 zonas, maior tecnologia
do mercado. Comunicação SMS, GPRS (dois SIM CARDS)
ou Ethernet com função DHCP*. Modo duplo e
função Bootloader.

- 8 zonas duplas programáveis e 4 zonas de teclado.
- Permite o uso de 2 SIM CARDS.
- Comunica com IP fixo ou dinâmico.
- Funções especiais para teste na instalação.
- Módulo Ethernet opcional com função DHCP (não incluso).
- Até 4 teclados com programação independente.
- Programação remota via modem, GPRS ou Ethernet.
- Modo Duplo.
- Permite armar/desarmar, acionar/desacionar PGM por mensagens de celular (SMS).
- 3 vias de comunicação: Linha telefônica, GPRS e Ethernet.
- Programação via cabo Programador JFL*.
- Módulo GPRS integrado com detecção automática da operadora.
- Monitoramento de saída auxiliar, sirene, bateria e linha telefônica.
- Função de discadora e envio de SMS quando armar, desarmar e disparar.
- 95 usuários, mais 3 usuários temporários, além do mestre e o instalador.
- Possui 1 PGM com relé na placa, com possibilidade de expansão para 4 PGM's.
- 2 partições reais (com entrada liga, sirene, arme STAY e AWAY independentes).

A central de alarme
mais completa
do mercado agora
em nova versão!

Homologado pela



JFL ALARMES 2014

TECNOLOGIA DUO: Mais segurança para seu sistema de alarme.

ACTIVE-32 DUO

Aplicativo para dispositivos móveis.
Arme/desarme via telefone ou SMS.
4 partições reais. Programação por computador.*

- 32 usuários.
- 4 partições reais.
- Controle via software para smartphone*.
- Sensores sem fio com tecnologia Duo.
- Até 4 teclados de LCD endereçáveis.
- Até 32 zonas: 4 zonas duplas + 1 zona por teclado + até 32 sem fio.
- 1 saída PGM com relé.
- Arme/desarme via telefone.
- Função ronda.
- Modo duplo de reporte.
- Permissão de PGM por usuário.
- Função discadora com 4 telefones.
- Programação por cabo programador JFL**.
- Monitora saída auxiliar, sirene, bateria, teclados e linha telefônica.
- Módulo ETHERNET** 10/100 base T com DHCP e Módulo GPRS** com 2 sim cards, opção de arme/desarme/PGM via SMS e envio de mensagens no disparo.



Homologado pela



TEC-200

Teclado LCD para linha DUO.

- Fácil programação.
- Informações em português.
- Nomeação de zonas, usuários, partições e PGM's.
- Teclado endereçável.
- LCD de 16 x 02 (16 colunas por 2 linhas) backlight azul.



IRD-650 DUO e IRPET-520 DUO

*Sensores sem fio com tecnologia DUO.
Já vem com bateria de lítio.*

- Mais segurança na comunicação sem fio.
- Baixo consumo.
- Frequência de 868MHz.
- Alcance de 100m sem obstáculos.
- Bateria de lítio.
- Compensação de temperatura.
- Cobertura de 12m e ângulo de 90°.

IRD-650 DUO (PET Duplo) - 30Kg

IRPET-520 DUO - 20Kg

SL-220 DUO

Sensor de abertura com tecnologia DUO.

- Mais segurança na comunicação sem fio.
- Frequência de 868MHz.
- Alcance de 100m sem obstáculos.
- Transmite abertura e fechamento.
- Pilha AAA 1,5V.



TX-5 DUO

*Controle remoto com tecnologia DUO.
Informa o status das partições
e PGM's da central.*

- Frequência de 868MHz.
- Alcance de 80m sem obstáculos.
- Bateria CR2032.
- 5 teclas.

Acesse o site
www.jfl.com.br
conheça todas as soluções JFL Alarmes.



IMAGENS MERAMENTE ILUSTRATIVAS.

Sumário



22

**Indústrias de alto
valor agregado
são alvos de
crimes**

**Atrativas por seus insumos
e produtos acabados,
indústrias precisam
investir em segurança**

- 30 Videomonitoramento | Implantação de sistemas de CFTV
- 33 Segurança privada | Olimpíadas 2016
- 34 Segurança solidária | Vizinhos conectados espantam arrastões
- 38 Destaque Imecotron | Empresa comemora 35 anos
- 39 Violência urbana | Terrorismo no Brasil
- 40 Ronda eficiente | Tecnologia não substitui a ronda
- 44 Gerenciando crises | A dinâmica de uma crise
- 46 Segurança pessoal | Empatia no momento da contratação
- 48 Gerenciamento de riscos | Estudo de caso: segurança no RJ
- 52 Riscos corporativos | Plano de gestão: identificando ameaças
- 53 Secovi-SP alerta | Crise hídrica e de segurança
- 54 Destaque PPA | Pioneirismo na segurança

ENTREVISTA



18 Fernando Barbosa
Diretor da JFL fala sobre a
trajetória da empresa e os
desafios do setor

12 Vitrine | 14 flashes | 56 leitura imperdível | 58 agenda

PRÊMIO MARCA BRASIL

Desde 1999 - Uma das mais importantes premiações multissetoriais do país

**VOCÊ, que é profissional do setor de
SEGURANÇA PATRIMONIAL E EMPRESARIAL,**

**VOTE na sua MARCA PREFERIDA
e ainda CONCORRA a PRÊMIOS!**

Fotos meramente ilustrativas



- 1 Smart TV
- 1 Home Theater
- 2 Convites para participar da Cerimônia de Entrega.



O seu **VOTO** é fundamental para **DESTACAR** as marcas que têm o seu **RESPEITO** e merecem ser homenageadas pela premiação.



PARA VOTAR E CONCORRER ACESSE O SITE:

www.premiomarcabrasil.com.br

Veja regulamento no site

- **Clique no cupom de votação do seu setor.**
- **Digite o nome da marca de produto, serviço ou empresa que você considera a melhor em cada categoria.**
- **E envie o cupom preenchido. Até o dia 31/05/2015.**

PRONTO! VOCÊ JÁ ESTARÁ CONCORRENDO

Realização



Apoio



FIERA MILANO

Mídia Participante



Produtos e serviços em destaque e os mais recentes lançamentos disponíveis no mercado brasileiro



SBOX

É um servidor de acesso *plug and play* capaz de controlar até 10 portas e monitorar até 24 câmeras IP. O produto foi desenvolvido especialmente para atender ao mercado de pequenos negócios e desmistifica o uso do controle de acesso, pois dispensa complexas instalações, configurações e mão de obra especializada. www.vault.com.br



Câmeras Starlight

A linha de câmeras Starlight proporciona

imagens nítidas mesmo em condições de baixa luminosidade. Além disso, as câmeras Starlight oferecem alta sensibilidade a cores em modo monocromático (o que permite trabalhar com pouca luz no ambiente). www.bosch.com.br

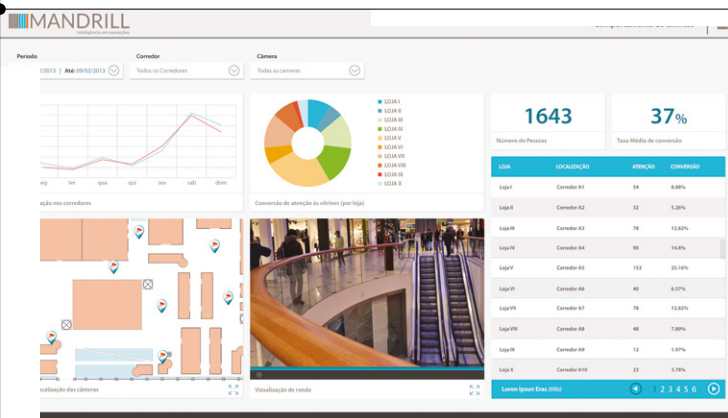


Bloqueio de vidro

A Magnetic Autocontrol lança o bloqueio de vidro MPW com portas pivotantes. O produto oferece comodidade de uso e mais segurança, tanto do ponto de vista da restrição do acesso não autorizado quanto do risco de acidentes com os usuários. Possui mais flexibilidade no desenvolvimento dos projetos, para melhor aproveitamento do espaço físico e a harmonização com o design. www.magnetic.com.br

VídeoMax Mirror

O vídeo porteiro faz foto automática ao tocar a campainha, armazena as últimas 20 fotos, permite visualizar as fotos com data e hora quando desejar, intercomunicação entre monitores interno, câmera externa com iluminação IR para visão noturna e comando de abertura de fechadura. www.ecp.com.br



Mandrill Intelops

Primeira plataforma de *software* 100% nacional para a área de inteligência em operações. O *software* gerencia a visão do gestor das operações e não do operador. Seu diferencial é a integração das informações provenientes da operação com os demais sistemas da companhia, seja o ERP ou o CRM ou qualquer dado de Big Data da internet, transformando tudo em informações estratégicas na forma de painéis de indicadores para suporte a tomada de decisão. www.redecom.com



Sistema de segurança com controle inteligente ENTR

Esta fechadura da MUL-T-LOCK promove acesso 100% digital e pode ser instalada em qualquer tipo de porta, residencial ou comercial. O controle inteligente pode ser promovido por meio da leitura de impressão digital, aplicativo de *smarthphone*, teclado digital de parede ou mesmo controle remoto. www.multlock.com.br

.com.br

A **revista Security** Brasil, além de um moderno visual, ganhou um exclusivo **portal de notícias**, para acompanhar o dinamismo do setor



SECURITY
BRASIL

www.revistasecurity.com.br

FÓRUM EMPRESARIAL DE SEGURANÇA PRIVADA

O Sesvesp (Sindicato das Empresas de Segurança Privada, Segurança Eletrônica e Cursos de Formação do Estado de São Paulo) realizou entre os dias 16 e 18 de março, no Casa Grande Hotel Resort & SPA, Guarujá (SP), o 11º Fesp (Fórum Empresarial de Segurança Privada do Estado de São Paulo). O encontro debateu o cenário atual da segurança privada bem como sua regulamentação nacional. A ex-ministra do Superior Tribunal de Justiça e ex-corregedora nacional do Conselho Nacional de Justiça, Eliana Calmon, proferiu a palestra magna de abertura: "Os Empresários e a Segurança Jurídica". O evento contou ainda com a participação de outros profissionais renomados, como Diógenes Lucca, especialista em gerenciamento de crises.



INTELBRAS FIRMA PARCERIA INÉDITA COM A GENETEC

A Intelbras assinou uma parceria tecnológica com a empresa canadense Genetec, visando o desenvolvimento de uma solução que vai acelerar a evolução do mercado brasileiro de CFTV para tecnologia IP. A parceria permitiu à Genetec criar uma versão *co-branded* do seu Security Center exclusivamente para a Intelbras, o "Security Center Intelbras Edition", que permite que os *hardwares* produzidos pela Intelbras tenham integração nativa com o *software* da Genetec. A solução facilitará a instalação e integrará os diferentes sistemas de CFTV com funcionalidades exclusivas, como instalação *plug and play* dos dispositivos e configuração das funções destes na própria interface do *software*, facilitando a montagem dos sistemas mais complexos de monitoramento. Outro benefício é o *edge recording*, que faz com que o armazenamento seja descentralizado, gerando economia na infraestrutura de servidores e *storage*, por exemplo.



AXIS COM NOVO GERENTE DE VENDAS E DISTRIBUIÇÃO

A Axis Communications, empresa do setor de videomonitoramento, contratou Paulo Ramos para o cargo de gerente de Vendas e Distribuição. Ramos será o responsável pelas vendas e distribuição dos produtos da Axis em todo o território nacional e atuará elaborando trabalhos para a consolidação de parcerias. O objetivo é fazer com que a Axis continue atingindo os níveis de crescimento dos últimos anos. Formado em Propaganda e Marketing pela UNIP e com formação técnica em redes IP, Ramos iniciou sua carreira na Gauss em 2006 como consultor de negócios e logo se tornou o responsável pela área no Brasil, onde permaneceu até 2009. Entre 2009 e 2014, Ramos adquiriu experiência com monitoramento IP na Pelco, empresa na qual foi responsável no Brasil pela área comercial. "Nosso principal objetivo é

manter a Axis como líder do mercado de vídeo IP, consolidar nosso Partner Program como o mais eficiente do mercado e manter nossos distribuidores, integradores e clientes finais 100% satisfeitos com as soluções da Axis Communications", explica o profissional.



NOVO SISTEMA DE SEGURANÇA

No dia 10 de março, a prefeitura de Curitiba (PR) entregou à população um novo sistema de segurança na Praça Rui Barbosa. Além de 24 câmeras, com monitoramento inteligente feito em parceria entre a Guarda Municipal e a Urbs (Urbanização de Curitiba S.A.), haverá reforço na atuação da Guarda, com efetivo e viaturas à disposição dia e noite, todos os dias da semana. As câmeras fornecem imagens panorâmicas, com inclinação e zoom, ampla cobertura de área e alta definição de imagem. Instaladas nas quatro pontas da Rua da Cidadania e no centro da praça, as imagens gravadas pelas câmeras são armazenadas no CCO (Centro de Controle Operacional) da Urbs e visualizadas simultaneamente no CCO da Secretaria da Defesa Social e no módulo da Guarda Municipal. O investimento para instalar o sistema foi de R\$ 120 mil, vindos do orçamento municipal.

GRABER INSTALA TECNOLOGIA INÉDITA NO BRASIL

Monitoramento à distância com amplo sistema de visão e agilidade em ações estratégicas de segurança. Essa é a proposta da Graber para o campus da UNIP (Universidade Paulista) da cidade de Barueri (SP). Lançado na Exposec 2014, o Totem Guardian apresenta tecnologia inovadora, que garante a comunicação rápida e direta entre o público ou profissionais de segurança e a central da Graber. Fabricado em aço e resistente ao vandalismo, o sistema utiliza tecnologia de última geração para o monitoramento de áreas públicas. Após acionar o botão de ajuda, os clientes entram em contato com a Graber, que identificará a ocorrência por meio do *software* Guardian e tomará as ações emergenciais cabíveis junto à equipe de vigilância. O projeto deve otimizar a comunicação entre o cliente e a empresa.



MICRO-ÔNIBUS ADAPTADO COM SISTEMA DE VIDEOVIGILÂNCIA

Visando fortalecer a segurança pública dos municípios que aderiram ao programa "Crack, é Possível Vencer", criado pelo governo federal, a Samsung Techwin está adaptando micro-ônibus com câmeras e sistema de videovigilância. O Programa viabiliza bases móveis equipadas com câmeras e sistema de videovigilância para o atendimento da segurança pública, em especial, a política pública de combate ao crack. Em parceria com a empresa Comil Ônibus, cada micro-ônibus é equipado com seis câmeras IP, com 1.3 e 2 megapixels de resolução, recursos de antivandalismo, análise de vídeo integrado e infravermelho (SNV-5080R e SNV-6084R). O micro-ônibus ainda conta com uma central de comando e controle. A parceria prevê 159 unidades móveis contratadas, 99 já foram entregues e 60 estão em produção. As bases móveis dão suporte tecnológico aos profissionais de segurança pública, que prestam atendimento à comunidade local e acompanham, por meio de monitores, as imagens captadas pelas câmeras de vídeo instaladas em pontos com mais vulnerabilidade.



ANTECIPE SEU
CREDENCIAMENTO
ACESSANDO O SITE
WWW.EXPOSEC.TMP.BR



EXPOSEC

XVIII INTERNATIONAL SECURITY FAIR

12 A 14 DE MAIO DE 2015
SÃO PAULO EXPO EXHIBITION &
CONVENTION CENTER
13H00 ÀS 20H00
VISITAÇÃO GRATUITA

 facebook.com/exposecbrasil
www.exposec.tmp.br

HÁ 18 ANOS, O GRANDE
ENCONTRO DO SETOR.
VOCÊ NÃO VAI QUERER
FICAR DE FORA.
RESERVE JÁ O SEU ESTANDE!

Para expor
Ligue (11) 5585.4355 ou
E-mail: comercial@fieramilano.com.br

Realização



Organização



Official Partner

TRAJETÓRIA DE SUCESSO

Diretor da JFL conta como a empresa superou as dificuldades iniciais para se transformar em protagonista de um mercado hoje em franca expansão

por Bruno Ribeiro

O setor de segurança privada e transporte de valores movimentava hoje mais de R\$ 40 bilhões em todo o País, mas nem sempre foi assim. Até o início da década de 1990, quando diversas empresas de vigilância e de sistemas eletrônicos de segurança estavam iniciando suas operações, esse mercado era praticamente inexistente. De acordo com Fernando Barbosa Mota, diretor comercial da JFL Alarmes, uma das companhias de maior sucesso no setor, era uma época difícil, em que a segurança privada era apenas uma aposta. “Nessa época era tudo muito difícil, o mercado ainda era novo e os brasileiros ainda não tinham a cultura de possuir um alarme residencial, até mesmo porque achavam que eram produtos caros e que somente pessoas muito ricas poderiam ter tais equipamentos”, relata.

Mesmo cientes das dificuldades, Mota e seu sócio resolveram investir na fabricação e comercialização de equipamentos de segurança, tais como centrais de alarmes, sistemas de CFTV e, mais recentemente, sistemas de prevenção e combate a incêndios. Parece terem feito a escolha certa: a empresa vem crescendo cerca de 20% ao ano, mesmo em tempos de dificuldade econômica.

A seguir, Mota fala um pouco sobre a trajetória da JFL e sobre as dificuldades e desafios a serem superados pelas empresas do setor.

Como o senhor entrou para o mercado de segurança eletrônica?

Em 1994 eu e meu atual sócio, José Carlos, queríamos abrir um negócio próprio. Na época, o mercado de segurança eletrônica era algo relativamente novo, mas acreditávamos que era interessante. O mercado estava ainda se firmando e apostávamos que a demanda seria muito grande dentro de alguns anos. Além disso, claro, desejávamos poder proporcionar aos brasileiros uma vida mais tranquila.

Qual a história da JFL?

Eu e José Carlos éramos dois recém-formados da ETE – Escola Técnica de Eletrônica em Santa Rita do Sapucaí (MG). Tínhamos um sonho de abrir uma empresa que fosse referência no segmento de segurança eletrônica no país. Em junho de 1994, a JFL foi oficialmente aberta. Então, o José Carlos desenvolvia os equipamentos e eu viajava Brasil afora para vender. O fortalecimento de nossa marca se deu pouco a pouco até ser considerada a maior do Brasil no segmento.

Quais as dificuldades de se tornar um empresário no setor de segurança eletrônica no Brasil?

Uma das principais dificuldades é a carga tributária. Isso atrasa e atrapalha de diversas formas o crescimento das empresas do segmento. Além disso, tem a vinda de produtos de fora do Brasil a preços absurdamente mais baratos e que, na maioria



“Em 1994 (...) o mercado estava ainda se firmando e apostávamos que a demanda seria muito grande dentro de alguns anos”

“A primeira coisa a fazer é uma reforma tributária. Precisamos, no mínimo, concorrer de igual para igual com os importados”

das vezes, não apresentam a qualidade e confiabilidade necessárias.

O que mudou desde que o senhor iniciou sua trajetória no setor de segurança?

Para melhor, foi o desenvolvimento de novas tecnologias, que possibilitaram baratear cada vez mais os equipamentos e colocá-los ao alcance de todos. Também melhorou a cultura de segurança do brasileiro, que agora sabe que pode ter uma vida mais tranquila, que o seu patrimônio pode ser protegido mesmo quando ele estiver trabalhando ou viajando. Para pior, posso repetir a resposta anterior: a tributação brasileira é absurdamente incompatível com nosso modo de vida e trabalho. Pagamos impostos cada vez mais caros, atrasando nosso desenvolvimento.

Quais os maiores desafios para os fabricantes de equipamentos de segurança eletrônica no Brasil, onde ainda há uma grande importação de produtos?

Um dos maiores desafios é o desenvolvimento de tecnologias nacionais; o incentivo do governo fica muito a desejar. A fabricação desse tipo de equipamento é altamente complexa e cara, não conseguimos muitas vezes competir de igual para igual com equipamentos vindos de fora, embora, como mencionado anteriormente, muitos não tenham qualidade e assistência técnica. Vemos diariamente, por exemplo, muitos importadores serem processados porque o equipamento comercializado não funcionou corretamente, porque não deram uma assistência técnica de qualidade... Isso é muito sério, equipamentos de segurança eletrônica não podem falhar; eles protegem o patrimônio de nossos clientes, a sua família, a casa e/ou empresa que

ele tanto lutou para conquistar.

Que tipos de medidas poderiam ser tomadas pelo governo para incentivar uma concorrência mais leal com os produtos importados?

A primeira coisa é fazer uma reforma tributária. Precisamos, no mínimo, concorrer de igual para igual com os importados. O incentivo

ao desenvolvimento de tecnologias nacionais também seria muito bem-vindo. Hoje, temos a necessidade de viajar para fora do país para pesquisar e trazer para nossos produtos tecnologias de ponta, mas que poderiam ser desenvolvidas aqui se tivéssemos incentivo do governo.

Por que, na opinião do senhor, a indústria brasileira de produtos de segurança eletrônica não deslança?

Em minha opinião, a indústria brasileira está sim crescendo a cada ano, claro que na medida do possível, pois, como disse anteriormente, a vinda de produtos inferiores e de baixo custo atrapalham muito um deslanchar considerável. Mas estamos trabalhando para que esse crescimento seja cada vez mais estável.

Que avaliação o senhor faz do mercado brasileiro de segurança eletrônica neste momento?

O mercado está em um período de amadurecimento. Estamos trabalhando massivamente, dia após dia, para levar o que há de mais novo neste mercado para nossos clientes. O crescimento médio de 10%, segundo a Abese (Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança), é um indica-



dor de que o potencial de nosso mercado é enorme. Não é à toa que empresas estrangeiras veem o Brasil como um mercado emergente neste segmento e estão vindo com força para cá.

Atualmente, quais as maiores demandas em termos de equipamentos de segurança eletrônica?

Alarmes, interfonia e sistemas de circuito fechados de TV (CFTV) são, sem dúvida alguma, três segmentos que estão em alta.

Quais equipamentos têm tendência de crescimento para os próximos anos e por quê?

A tendência, sem dúvida alguma, é que equipamentos de CFTV e alarmes monitoráveis cresçam a cada dia. Hoje, estes estão muito mais acessíveis e queremos que sejam ainda mais com o desenvolvimento de novas tecnologias.

Quais os investimentos que a JFL fará em 2015?

Neste ano estamos investindo pesado em nossa linha de CFTV, alarmes e interfonia. Estamos aplicando tecnologias cada vez mais avançadas em nossos produtos. Pode ter certeza de que muitas novidades serão lançadas para o mercado. É tecnologia

de ponta a serviço da segurança de todos os brasileiros.

Quais as áreas que a empresa pretende ampliar?

Área de comunicação para condomínios, pois visualizamos grandes possibilidades e temos facilidade e tecnologia a oferecer para esse segmento. Área de incêndio também será uma que a JFL Alarmes irá ampliar consideravelmente.

A JFL já exporta ou tem pretensões de exportar?

Hoje a JFL Alarmes exporta para aproximadamente 10 países. Estamos estudando um aumento considerável, de abrangência mundial, para os próximos 5 anos.

Qual a média anual de crescimento da empresa e o que está sendo feito para mantê-la?

Temos crescido a uma média de 20% ao ano, mas não está sendo fácil mantê-la pela má economia que estamos vivenciando. Mas a JFL Alarmes, como uma empresa inovadora e a maior do segmento, tem como premissa o crescimento constante. Para isso, investimentos pesados em diversas áreas estão sendo feitos e buscamos sistematicamente a excelência em nossos processos. ■

INTELIGÊNCIA E PROFISSIONALISMO A SERVIÇO DE SUA SEGURANÇA

A divisão de negócios OFFICE SECURITY da ARTAN oferece, desde 2007, serviços de consultoria, auditoria e treinamentos na área de gestão de riscos de segurança patrimonial.

A divisão OFFICE SECURITY da ARTAN conhece o ambiente empresarial, os desafios da segurança e principalmente como utilizar os recursos tecnológicos na otimização dos investimentos em segurança, desta forma auxilia os administradores a fortalecerem o gerenciamento dos riscos, melhorar a eficiência operacional da segurança e a enfrentar as incertezas que ameaçam os negócios convertendo-as em vantagem competitiva.

Conheça mais sobre os serviços Artan,
e solicite a visita de um de nossos consultores.
www.artan.com.br/officesecurity

 **artan**
www.artan.com.br



ALTO VALOR AGREGADO E ALVO DA CRIMINALIDADE

Atrativas por seus insumos e produtos acabados, as indústrias precisam investir em programas de segurança

por Simone Alves

A inovação de produtos e serviços é fundamental para garantir o desenvolvimento econômico e social de uma nação. Entretanto, quando o tema é segurança, as indústrias de alto valor agregado tornam-se atrativas para a criminalidade. Isso acontece porque há interesse desde os insumos até os produtos acabados.

A indústria é alvo de diversos riscos e de diferentes naturezas, como os fenômenos naturais, os de ordem social (produzidos pelas conformidades sociais) e os que estão diretamente ligados ao processo de produção do produto.

Os insumos, normalmente, são utilizados para o refino de drogas, explosivos e diversas falsificações. Já os produtos acabados são roubados para a comercialização ilícita. Nessa lista, estão inseridos os medicamentos, cigarros, eletrônicos e alimentos, todos possíveis de serem distribuídos em pequenos e médios comércios das cidades. Além do prejuízo com a perda direta, a empresa deverá produzir novas mercadorias (armazenar e distribuir) e, eventualmente, fazer a manutenção dos itens que foram subtraídos.



FOTO SHUTTERSTOCK

“O resultado dessa conta extraordinária faz com que o conjunto de riscos potenciais seja transferido ao consumidor”

Quando falamos em perdas, elas são maiores do que podemos imaginar, e os riscos estão classificados entre: processo de produção, armazenagem e distribuição.

Segundo o diretor do Departamento de Segurança da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e sócio da The First Consultoria em Segurança Empresarial e Sequestros, Roberto Zapotoczny Costa, nos processos de produção, ocorrem desvios, furtos de insumos, sabotagens, espionagens e perdas operacionais.

A armazenagem, por exemplo, oferece riscos pelos seus produtos para consumo, em grande quantidade e geralmente com funcionários em atividade para auxílio no carregamento. Já a distribuição é outro momento crítico, pois a carga está pronta e longe de vigilância maior, apesar da utilização de escolta armada, sensores e rastreadores.

Dentre os diversos riscos apresentados, Costa destaca ainda aqueles cujas variáveis são incontroláveis pelo empreendimento, tais como a legislação, natureza, criminalidade de origem externa (por exemplo, o roubo de cargas e a pirataria) e pelas transformações sociais.

“Uma indústria pode sofrer uma crise em caso de catástrofes (alagamentos, terremotos, vendavais e outras intempéries). O empreendimento também pode sucumbir ante o avanço tecnológico (qual indústria investe atualmente em máquinas de escrever ou máquinas fotográficas que utilizam filmes?), bem como



a eventual mudança de legislação que regule o setor de determinada maneira que o negócio não consiga acompanhar. Há que se considerar também a altíssima competitividade e o desenvolvimento de novos produtos, frequentemente, de maior qualidade. Essas variáveis não são controláveis”, explica Costa.

Contudo, existem outras variáveis que podem ser controladas pela empresa. Esse é o caso dos crimes de origem interna, como as perdas diversas na manipulação de insumos e de produtos acabados.

Para Costa, o resultado dessa conta extraordinária faz com que o conjunto de riscos potenciais seja transferido ao consumidor final. Além da alta tributação sobre os produtos, o custo da segurança também é pago pelo comprador. “Isto faz com que a indústria brasileira se enfraqueça em competitividade com outros países.”

Diante do cenário apresentado, o em-

preendedor pode orientar seus processos para a diminuição dessas perdas de ordem interna e interferir naquelas externas. Ou seja, dentro da empresa, por exemplo, é possível identificar todos os riscos potenciais e estabelecer um plano de redução, de maneira que se diminuam os custos e aumente a sua competitividade no segmento em que atua.

Identificados os riscos, passa-se para uma etapa em que se estudam as possíveis soluções para sua mitigação, que pode ser em investimentos em seguros e ajustes nos seus processos operacionais, como Análise de Risco (AR). Sua função é a de mostrar quais recursos devem ser implantados, que vão desde a compartimentação da operação, assim como das informações acerca de seus ativos críticos, até os controles de acesso no interior da fábrica.

Nesse sentido, Costa orienta que insumos e produtos de maior valor agre-

Roberto Zapotoczny Costa, diretor do Departamento de Segurança da Fiesp e sócio da The First Consultoria





Os sistemas de proteção devem visar a dificuldade de acesso ao ambiente

gado devem estar segregados em áreas de maior controle e melhor protegidas. Os sistemas de proteção devem visar à dificuldade de acesso ao ambiente de armazenagem e com sistemas de alarme e controles especiais e distintos dos demais sistemas em operação na empresa.

“Em caso de invasão, se os recursos de proteção locais não forem suficientes para rechaçar uma eventual investida criminosa, esses sistemas automaticamente acionam recursos externos, que podem se iniciar com ações de segurança privada e serem escalados para o atendimento das forças de segurança pública”, declara Costa, que ainda informa que o planejamento de segurança deve contemplar os riscos aos quais pessoas e produtos estão expostos.

A partir daí, é importante classificar os níveis e suas respectivas respostas aos riscos, que podem ser desde o atendimento local pelo próprio colaborador

da operação até os procedimentos de gestão de incidentes mais críticos, estes envolvendo mais setores da empresa e o acionamento do Comitê de Crises.

“Um bom gerente de segurança saberá como aplicar adequadamente todos os recursos de proteção, estes de ordem física e tecnológica, recursos humanos e de procedimentos – os pilares de um projeto de proteção. Todos os recursos são importantes desde que bem aplicados e combinados entre si”, orienta Costa.

Da mesma maneira, os riscos de ordem externa, muito embora se caracterizem por variáveis incontroláveis pelo empreendimento, podem provocar o setor a partir da criação de grupos de estudos técnicos, representados por especialistas do setor. O objetivo é estudar os impactos na indústria e pressionar órgãos externos a se integrarem aos seus *stakeholders*. “Um exemplo disso é a Febraban (Federação Brasileira de Bancos), enti-

dade federativa que une os especialistas das suas respectivas áreas e promove estudos que subsidiam ações internas nas instituições financeiras e também junto ao governo.”

É fato que a quantidade de crimes cresce diariamente, da mesma maneira que a densidade demográfica e o número de empreendimentos. Com o aumento da população e dos negócios, naturalmente mais conflitos aparecem.

Para Costa, a curva de crescimento da criminalidade acompanha essa evolução e pode ser combatida pela organização do segmento em que atua a indústria. “A integração da segurança em favor do negócio e este em linha com o setor proporcionam o estabelecimento de ações estratégicas sustentáveis.”

Valor agregado

Para José Miguel d’Encarnação, consultor de segurança, produto e marca são sinônimos indissociáveis, quando se define valor agregado. Exemplos dessa percepção são encontrados no dia a dia: Porsche, Mercedes-Benz, Rolls-Royce, Sonny, Rolex, PatekPhillipe, Intel, IBM, Apple, Microsoft, STi etc.

Ao exaltar-se o valor universal do produto, ele ressalta que surgiu o conceito de diferenciação e respeito ao comportamento e às atitudes do público-alvo. Com isso, a empresa tem de atingir níveis ótimos de eficácia e eficiência na diferenciação dos serviços, dos recursos humanos e da imagem corporativa.

“O cliente compra a experiência do prestígio e a fascinação pelo luxo – real ou imaginário – seja aparente, seja tec-

“Hoje, o mercado é altamente competitivo e os danos causados pelos roubos e furtos poderão ser irreversíveis”



nológico. Rompe-se o paradigma de que o sucesso se deve apenas à sua história e imagem tradicional. Hoje, o mercado é altamente competitivo e os danos causados poderão ser irreversíveis”, analisa o consultor.

As empresas que produzem bens com alto valor agregado são naturalmente alvo de cobiça, de atos terroristas e de vingança e de espionagem. Assim, cabe aos seus dirigentes e executivos, principais sujeitos a extorsões mediante sequestros, entre outros atos de violência, buscarem soluções para protegerem seus patrimônios e, principalmente, sua integridade física.

Esses incidentes internos ou externos, segundo o consultor, precisam ser administrados imediatamente, a fim de se neutralizar ou minimizar os efeitos nefastos junto à população. “Cabe à alta

direção da empresa, devidamente assessorada por especialistas em segurança, desenvolver e apoiar os programas de proteção ao patrimônio e à propriedade intelectual e aos seus funcionários.”

Esses programas devem ser consequência das análises de riscos de cada unidade, levando em consideração as estatísticas oficiais de criminalidade local, devidamente comprovada por uma investigação paralela (ONGs, comunidade, igreja, hospitais etc.). De acordo com o consultor, uma vez identificados os riscos potenciais, deve-se priorizar, segundo sua probabilidade e possibilidade de acontecimento, a neutralização ou minimização. “Os programas devem ser factíveis e sua implementação suportada pela alta direção. Só assim será possível alcançar seus objetivos.”

Somado a isso, informa também que

esses programas deverão ser revistos constantemente e adaptados às novas condições e aos riscos que surgirem, sob pena de, em uma situação real de ataque, se mostrarem ineficientes, causando danos à saúde financeira da empresa e à sua imagem corporativa, podendo atingir a reputação da nação. “Exemplo atual e claríssimo é o caso da Petrobras.”

Ainda, na mesma linha de raciocínio, menciona que a corrupção é também um dos maiores riscos de qualquer corporação, razão pela qual os controles internos, a política de ética nos negócios, a atuação dos recursos humanos e o serviço de inteligência são alguns dos pontos de atenção no desenvolvimento dos programas de segurança.

Na verdade, o sistema de proteção de qualquer empresa começa na qualidade técnica e moral de seus integrantes. De

“Dentre os tipos de riscos enfrentados pelas empresas, os operacionais, são os menos adiantados”

“Com tantas opções de mercado, é necessário fazer um estudo aprofundado para se obter as melhores soluções”

nada adiantam, como destaca o consultor, sistemas eletrônicos sofisticados, instalações fortificadas, verbas polpudas se o principal ingrediente – o homem – for o elo mais fraco dessa cadeia operacional. “E isso vale também para os prestadores de serviços terceirizados. O critério de preço menor para selecionar não será o melhor para a decisão final da contratação.”

Em relação à tecnologia, o consultor ressalta que os sistemas eletrônicos (CFTV, alarmes, programas computacionais), as instalações, as verbas bem dimensionadas, utilizadas e gerenciadas complementam e sedimentam os conceitos de segurança dentro e fora da organização e criam uma imagem junto ao público em geral positiva e, ao mesmo tempo, intimidadora para os que pensarem em atacar, de alguma forma, esse empreendimento. “Gosto de mencionar a empresa aérea El Al, israelense, que, além de eficiente, mantém um altíssimo nível de segurança graças ao comprometimento de seus funcionários e prestadores de serviços com os programas de segurança da própria empresa e do governo.”

Para o consultor, essa parceria é fundamental para o crescimento das empresas em geral e do próprio País, que, ao obterem nota alta junto às agências de investimento, atraem para a nação trabalhadores qualificados e empresas de alta tecnologia. É uma situação de ganha-ganha. “As empresas têm de acreditar na máxima que diz: ‘se alguma coisa de ruim pode acontecer, acontecerá’”, conclui.

Rodrigo Cagnato, diretor de vendas e marketing da Vault



Gestão de riscos

O consultor de segurança empresarial e diretor regional da CEAS Brasil, Paulo de Lacerda Carneiro, declara que, entre as empresas fabris, o ambiente é o mais suscetível a acidentes e, aparentemente, os riscos operacionais seriam mais facilmente identificados. Entretanto, muitas indústrias ainda adotam uma política reativa de gestão de riscos, de maneira que somente nas últimas quatro décadas é que um conjunto maior de ameaças vem sendo considerado.

Ainda na sua análise, a abordagem como “prevenção de perdas” enfoca, inclusive, prejuízos relacionados com a legislação e o meio ambiente. A governança corporativa e a auditoria interna, por exemplo, já são percebidas como importantes ferramentas na gestão de riscos operacionais. “Vale ressaltar que o momento é de transição, de maneira que um comportamento antes apenas reativo tem cedido espaço para ações também de antecipação, muito embora seja longo ainda o caminho a percorrer.”

Como os riscos permeiam todos os níveis de atividades produtivas, o adequado gerenciamento de riscos corporativos ou ERM (*Enterprise Risk Management*) torna-se fundamental não apenas para determinar até que ponto as organizações aceitam suportá-los, mas também para melhor identificar oportunidades no processo.

Nesse sentido, informa ainda que o gerenciamento de riscos corporativos envolve os conhecimentos, os métodos e os processos organizados para reduzir os prejuízos e aumentar os benefícios na concretização dos objetivos estratégicos.

Dentre os tipos de riscos enfrentados pelas empresas, os operacionais, como

apontam alguns estudos, são os menos adiantados. “Uma das formas de gerenciá-los é estimar efeitos e probabilidades de ocorrência de erros com base nas particularidades de cada empresa, e daí criarem bases históricas e metas para melhoria de desempenho. Porém, se os riscos operacionais são extraordinariamente difíceis de definir, são também particularmente difíceis de estimar, tanto em termos de probabilidade de ocorrência como em perdas resultantes deles. Não existe uma relação direta entre os fatores de riscos operacionais e o tamanho e a frequência das perdas”, explica Carneiro.

As técnicas de medição do risco operacional se apresentam de duas maneiras: de cima para baixo, ou *top-down*, e de baixo para cima, ou *bottom-up*.

De acordo com Carneiro, a modalidade *top-down*, elaborada a partir dos administradores, tem as seguintes vantagens: é mais simples de implantar, utiliza indicadores agregados, exige menos recursos, atinge toda a empresa e é mais facilmente usada para a conformidade dos processos junto aos órgãos reguladores. No entanto, as soluções são generalizadas e podem não atender às necessidades de determinados setores como, por exemplo, as áreas de negócios.

Ele ainda acrescenta que a ênfase no passado, muito centrada em dados históricos, pode dificultar a visão de futuro. Por outro lado, a análise *bottom-up* está mais próxima dos riscos existentes em cada etapa do negócio, melhor auxiliando, assim, o gestor de risco.

A dificuldade dessa opção, segundo Carneiro, reside na necessidade de bases de dados extensas e detalhadas, uma vez que utiliza indicadores desagregados.

gados em vários outros subitens, cujos resultados terão de ser integralizados, por meio de modelos complexos, para que as conclusões possam ser extrapoladas para toda a organização. “De qualquer forma, essas duas técnicas não são excludentes e podem, em muitos casos, serem integradas de acordo com os objetivos da organização. Entretanto, quando se trata de riscos operacionais, os dados não são abundantes nem coerentes. As definições do que constitui uma perda operacional podem diferir de instituição para instituição ou até mesmo entre departamentos de uma mesma empresa.

Por outro lado, Carneiro ainda esclarece que é pouco provável que uma única organização tenha experimentado um número de eventos suficientes para construir sozinha um conjunto de dados útil. Assim, terá necessariamente de buscar informações externas, o que torna o problema ainda mais desafiador, pois estará falando em confiabilidade de dados oriundos de empresas de diferentes mentalidades, estruturas de controle, culturas e até de países distintos. “Essa atitude, porém, traz o efeito positivo de ampliar os conhecimentos do negócio para além das próprias fronteiras. Mesmo após ser estruturada uma base de dados históricos, existe ainda a possibilidade de ela tender para as ocorrências de maiores perdas ou para aquelas mais conhecidas, deixando na sombra elementos importantes, como, por exemplo, os eventos de quase-perda, aqueles que por pouco não se concretizaram.”

A gestão de riscos operacionais, das suas causas e consequências, bem como da percepção de oportunidades, passam pelas etapas de identificação, medição e análise. Ou seja, a instituição deve conhecer os perigos a que está exposta, definir o seu apetite aos riscos, com base em objetivos estratégicos, e avaliar os



meios de mitigá-los, levando em conta os custos e benefícios envolvidos.

Em suma, Carneiro ressalta que a implantação de processos bem estruturados para avaliar e mitigar os riscos operacionais, com pessoas exclusivamente envolvidas e devidamente capacitadas para identificar e tratar esses riscos, terá ainda um longo caminho a percorrer.

Segurança eletrônica, uma aliada na prevenção

As tecnologias em segurança eletrônica colaboram para inibir e mitigar grande parte dos furtos e roubos, internos ou realizados por quadrilhas especializadas. Um sistema de gravação de câmeras, por exemplo, pode atuar não só para inibir esses eventos, como também um instrumento forense de investigação para esclarecer e desvendar os agentes do delito.

Naturalmente, o uso correto da tecnologia, com o tempo, diminui a incidência de furtos internos, uma vez que se faz

conhecer a eficiência do sistema e, claro, pode inibir a investida de criminosos no local. Para tanto, Rodrigo Cagnato, diretor de vendas e marketing da Vault, esclarece ser fundamental alguns parâmetros importantes, como a qualidade das câmeras e, principalmente, a confiabilidade do sistema de gravação.

Por outro lado, sabe-se também que é difícil conter uma quadrilha se um determinado alvo é foco dos criminosos. Nesses casos, ele declara que sistemas de gravação e monitoramento de câmeras funcionariam basicamente como fonte de imagens do crime, o que muitas vezes não é suficiente. “Por essa razão, cada vez mais, um bom projeto de segurança para essas indústrias de alto valor agregado e toda a sua cadeia de distribuição prevê também proteções físicas que impedem efetivamente o roubo.”

Somado a isso, ele cita a necessidade também de sistemas de barreiras perimetrais como cancelas de alta segu-



Sistema de monitoramento por câmeras é uma das opções de solução de segurança para indústria de alto valor agregado

rança, bollards, blindagem arquitetônica, associados a um eficiente sistema de controle de acesso (atuam como agentes eficazes de bloqueio). "O objetivo nesse caso seria não deixar entrar indivíduos não autorizados e não deixar sair, caso não seja previamente autorizado."

Identificados os riscos, o próximo passo é buscar fornecedores que possam aliar a tecnologia ao seu projeto de segurança. A Vault, por exemplo, é uma empresa especializada em sistemas de controle de acesso e fabricação de barreiras físicas. Tem todo seu line-up de produtos desenvolvidos para proteger qualquer ambiente, seja ele comercial, seja ele industrial ou residencial. Um dos seus diferenciais é desenvolver essas tecnologias em camadas, fazendo com que cada uma delas desempenhe seu papel fundamental de retardar, inibir e

controlar os acessos de entradas e saídas desses ambientes.

Além disso, a empresa também fabrica barreiras perimetrais, prediais e sistemas capazes de gerenciar de forma muito detalhada todo o sistema de segurança. Durante os últimos anos, investiu muito para ter sua plataforma de controle de acesso integrada a várias outras plataformas globais de gravação e monitoramento de câmeras, aplicações de ERP, softwares específicos de algumas verticais como hospitais e muitas outras soluções.

Com tantas opções no mercado, é necessário fazer um estudo aprofundado para se obter as melhores soluções. Nesse sentido, Cagnato lembra que existem empresas especializadas em análise de risco e seu gerenciamento. "Nós damos suporte a essas empresas, levando-as ao conhecimento de todas as novidades e tendências de mercado mundial no que há de mais moderno e eficaz em segurança."

Isso é importante porque as ocorrências aparecem com frequência, causando prejuízos de milhões de reais. Em outros casos, as barreiras físicas, o controle de entradas e saídas, transformam esses eventos em casos frustrados de roubo, uma vez que a tecnologia acaba por ter um papel fundamental e que, em qualquer outra condição, o homem não teria como evitar, mas não pode ser desprezado.

Assim, Cagnato reforça a necessidade de alinhar o trabalho do homem à tecnologia. "Todas as plataformas da Vault foram desenvolvidas para que a experiência do usuário fosse a mais simples e eficiente possível. Telas intuitivas e orientativas permitem melhorar o uso da ferramenta, diminuindo riscos de erros e aumentando a segurança."

E ele complementa dizendo que sua empresa valoriza e entende que os treinamentos (semanais de operação e instalação de equipamentos), assim como a perfeita indicação e o dimensionamento do projeto, as certificações e a reciclagem formam o único caminho para a eficiência e eficácia do sistema. "Caso algum dos processos de formação e capacitação dos usuários falhe, certamente as consequências operacionais serão negativas. Para tanto, contamos com equipe especializada em formação e oferecemos isso, inclusive, como produto dentro da nossa linha de serviços aos canais."

Quanto aos tipos de ocorrências nas indústrias, ele declara que as principais têm sido bem ostensivas, com forte aparato e grande grupo de envolvidos. "As tecnologias cada vez mais possuem recursos para identificação do sinistro remotamente com resposta também remota."

Outra ferramenta citada por Cagnato é a Análise de Risco (AR), feita para dimensionar de forma equilibrada os investimentos em segurança física, eletrônica e recursos humanos. ■



FOTO SHUTTERSTOCK

FUNDAMENTOS DE BOAS PRÁTICAS PARA IMPLANTAÇÃO DE SISTEMAS DE CFTV IP

É IMPORTANTE
REALIZAR
PROJETOS E
TREINAMENTOS
PARA UMA
CORRETA
INSTALAÇÃO

por Claudemir Martins



FOTO SHUTTERSTOCK

A princípio, instalar um sistema de CFTV parece uma tarefa muito simples, afinal, o que há de tão complicado em conectar os cabos entre as câmeras e um sistema de gravação? Mas, na verdade, instalar um sistema com câmeras, gravadores e central de monitoramento é muito mais que conectar cabos. É necessário um estudo prévio das necessidades do cliente, elaboração do projeto, implantação, documentação e treinamento. Não importa se o projeto é para instalação de um sistema analógico ou IP, sempre é necessário seguir esses passos para alcançar o principal objetivo: ter um sistema que cumpra com as expectativas do cliente. Um projeto de CFTV se inicia com o levantamento de requisitos. É fundamental agendar uma reunião com o cliente para conhecer suas necessidades e expectativas. Nesse tipo de reunião deve estar presente uma pessoa da área comercial da integradora de soluções. É imprescindível que tal pessoa tenha um bom conhecimento dos produtos e soluções ofertadas e, se possível, esteja acompanhada do especialista da área técnica para realizar uma visita ao local de instalação, o famoso "site survey".

Os fatores que devem ser observados para elaboração dos projetos envolvem uma série de detalhes, como: local e altura de instalação das câmeras, ângulo de visualização e, o objetivo principal do monitoramento, reconhecimento ou identificação de pessoas e veículos, além, é claro, da qualidade, que engloba discussões sobre resolução, taxa de captura das imagens, fator de compressão, inteligência embarcada e meio de transporte e armazenamento.

Após entender as necessidades do cliente, a segunda etapa é elaborar um orçamento estimado para a implantação do sistema e deixar bem claro ao cliente o que ele estará adquirindo. Nessa etapa, é crucial explicar em linguagem simples e objetiva quais são as vantagens da oferta, afinal, o cliente certamente irá receber pessoas da concorrência ofertando outras soluções.

Quando a etapa comercial é cumprida, o cliente confia que o integrador irá lhe entregar o que há de melhor em sistema de câmeras de vigilância em curto espaço de tempo e dentro do orçamento. Essa expectativa é perfeitamente normal, pois é criada no momento da venda da solução.

Instalar sistemas de CFTV exige muito mais do que conectar cabos

A elaboração do projeto é etapa obrigatória



FOTO SHUTTERSTOCK

Chegada a hora de iniciar o projeto, é necessário, primeiramente, que os técnicos e projetistas visitem o local onde o sistema será instalado e façam uma análise mais detalhada, seguida da criação de uma lista de materiais necessários para a implantação do projeto.

Todas as informações adquiridas devem ir para uma sala de projetos, onde engenheiros e projetistas possam analisar os detalhes, criar diagramas de instalações e fazer os cálculos necessários para o transporte e armazenamento dos vídeos gerados pelas câmeras. Essa etapa do projeto é muitas vezes ignorada porque se imagina que é perda de tempo, uma vez que os técnicos podem simplesmente ir a campo e instalar as câmeras, pois estão acostumados a fazer esse tipo de trabalho, correto?

Não. Não devemos, em hipótese alguma, cair nessa armadilha. A elaboração de um projeto é obrigatória. Ele nos permite estimar previamente as necessidades e prever as alterações necessárias para a implantação, além de servir como documentação básica a ser consultada por técnicos de campo. Uma versão final do projeto deve ser entregue ao cliente.

Existem *softwares* para projetos de CFTV que tornam essa tarefa fácil e rápida. Não é mais necessário utilizar papel e caneta para rascunhar e fazer cálculos, basta criar um diagrama e entrar com as informações no software que ele executa a tarefa de estimar o uso de largura de banda de rede e armazenamento necessários.

Uma vez elaborado o projeto, inicia-se a fase de implementação. Nesta etapa é preciso que os técnicos tenham as ferramentas e conhecimentos adequados dos produtos, o que envolve treinamentos, os quais são oferecidos pelos fabricantes, muitas vezes, gratuitamente. Implantar um projeto envolve a correta instalação dos produtos e o uso de padrões universais de instalações que, se corretamente seguidos, garantem a qualidade mínima necessária. O bom senso dos técnicos de campo também é fundamental. A realização de um bom trabalho de instalação garante a qualidade do projeto, portanto, é preciso que os instaladores estejam motivados a fazer o melhor possível durante essa etapa.

A fase final envolve testes, correções, adaptações, documentações e treinamento. É comum algo não sair 100% de acordo com o projeto, muitas vezes por algum fator relacionado a alterações no projeto ou algum problema durante a fase de implementação. Em resumo, é necessário seguir todas as etapas do processo para entregar um projeto que atenda as expectativas do cliente, dentro do orçamento planejado. Projeto, documentação e treinamento adequados são fundamentais. ■



Claudemir Martins, gerente de Treinamento para a América Latina da Samsung Techwin

A SEGURANÇA PRIVADA SERÁ EXCLUÍDA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016?



Adelar Anderle

Foto Divulgação

No 5 de março de 2015 fomos surpreendidos com a matéria do jornal *O Globo* noticiando a decisão do Governo Federal de substituir os seguranças privados pelas forças militares e policiais, informação atribuída ao secretário da SESGE/MJ (Secretaria Extraordinária de Segurança para Grandes Eventos), Andrei Rodrigues. Por que a segurança privada do Brasil está sendo excluída?

Até final de 2015 o planejamento da segurança dos Jogos Olímpicos de 2016 estava sob a responsabilidade do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), e vinha seguindo o modelo de segurança integral da Copa de 2014, com três níveis: 1 – segurança privada intramuros; 2 – forças policiais nas áreas públicas e com pronto atendimento dentro dos estádios; 3 – Forças Armadas aquarteladas como medida garantidora de toda a ordem.

O link <http://portaldesuprimentos.rio2016.com/plano-compras/> ainda hoje indica a contratação da segurança privada: 1. Serviços de Segurança para Eventos Games Time – Security Services for Events Games Time (Steward) / 1º TRI/Q 2015. Não se sabe o porquê dessa tarefa ter sido avocada pelo Governo Federal. No dia 3 de março deste ano, correu a notícia, de autoria do Ministério dos Esportes, dando conta que a segurança interna nas arenas dos Jogos Olímpicos seria realizada por militares e policiais militares.

Mesmo com essa notícia, pelos bastidores se sabia que a SESGE/MJ planejava contratar 16 mil vigilantes. Surpreendentemente, o próprio secretário nessa matéria de *O Globo* sustenta que a segurança privada não foi qualificada porque permitiu a invasão de chilenos no Maracanã durante a Copa. Ora, é consabido que a falha naquele episódio foi estrutural, pois a PM permitiu a aproximação de torcedores sem ingressos; o alambrado que fazia a barreira externa do Maracanã tinha as placas metálicas amarradas com fitas plásticas (os chilenos queimaram as fitas com isqueiros e abriram passagem); os vigilantes detiveram os invasores antes de chegarem à arena e entregam-nos à PM, para condução à Polícia Federal, de onde foram deportados.

Se essa foi a única falha durante toda a Copa de 2014 significa que a segurança foi um sucesso, não servindo de argumento para desclassificar a segurança privada dos Jogos Olímpicos. Possivelmente, o que falta é dinheiro nos cofres públicos. Fazer a segurança interna dos Jogos com militares e PMs representa criar uma logística e pagar muitas diárias, o que no final das contas terá custos parecidos com os da contratação de empresas.

O que se lamenta é o sacrifício de anos nos preparativos e emprego da segurança privada em grandes eventos se perdendo, um retrocesso para o setor, exatamente nesse momento em que o legado da Copa está sendo consolidado nos estádios de futebol, com ambiente de paz, harmonia e conforto para os torcedores. ■



Adelar Anderle, consultor em segurança eletrônica



SEGURANÇA SOLIDÁRIA

Vizinhos conectados entre si **espantam os arrastões**

Programa cria bolsões de segurança interligando condomínios residenciais e comerciais

Por Emília Sobral

O medo de arrastões em condomínios residenciais, comércio e bairros das cidades do Brasil induziu uma solução criativa e que vem ganhando adeptos. Mesmo sem ser uma ideia inédita, a solidariedade entre vizinhos virou uma atitude boa para todos. Batizada “Programa Vizinhança Solidária” no Estado de São Paulo, a ação de grupos de vizinhos que praticam a segurança em conjunto e se protegem entre si têm outras denominações país afora. Em Recife (PE) e em Salvador (BA), por exemplo, é chamada de “Olho na Rua”. Outras iniciativas, como a utilização de apitos por associações de bairros na cidade de Lucas do Rio Verde (MT), compartilham da mesma filosofia. Também nos EUA e Inglaterra, que já entendiam que o poder público não consegue resolver todos os problemas relacionados a segurança, medidas assim fazem parte da cultura de inibição

de delitos contra pessoas e patrimônio há mais de 30 anos.

Segundo José Elias de Godoy, oficial reformado e consultor de segurança, não se pode depender apenas do poder público ou da iniciativa privada. “Quando a comunidade participa diretamente da segurança, os resultados são melhores. Infelizmente, a polícia não tem condições de estar em todos os lugares ao mesmo tempo”, afirma. Basicamente, o programa funciona por meio de condomínios interligados por rádio e conectados diretamente à companhia da PM (Polícia Militar), entre outras estratégias operacionais.

Com isso, moradores de bairros começam a se fortalecer, fechando-se em grupos. Trata-se de cuidar e monitorar o imóvel do vizinho. O formato do projeto permite que uma intenção suspeita de criminosos seja abortada por alguém que denuncie antes que o delito seja consumado. Para funcionar, é claro, o programa depende do engajamento dos membros da comunidade

de e do compromisso e confiança mútua.

Para atingir seus objetivos, o programa depende inicialmente da vontade dos moradores, síndicos e líderes de bairro. Em São Paulo, o programa tomou corpo porque foi inserido no projeto da Polícia Comunitária da PM do Estado. Atualmente, participam desse projeto cerca de 150 comunidades nos diversos municípios paulistas. É um programa que estimula e conscientiza as comunidades sobre a necessidade de rever comportamentos que possam influenciar nos aspectos da segurança e convívio social. Segundo o coronel Kemji Konishi, diretor da polícia comunitária da PMSP, o programa é executado pelas unidades territoriais, que têm a incumbência de identificar líderes comunitários que mobilizem sua vizinhança e atuem proativamente em prol da segurança.

Na prática, a Polícia Militar, por meio dos Consegs (Conselhos Comunitários de Segurança), reúne os membros dos bairros e expõe sobre a importância da



participação de todos na segurança dos moradores. Para o coronel, a principal dificuldade na implantação desse plano é o distanciamento entre as pessoas, devido ao dinamismo de suas rotinas, em que, muitas vezes, um vizinho não conhece o outro. “A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é um sistema que tende a ser mais eficiente quando, além de contar com maior interação de todos os órgãos que o integram, passa a dispor da efetiva colaboração da sociedade”, afirma.

A PM atua na conscientização e treinamento dos moradores com reuniões e palestras. As unidades planejam o policiamento de forma que a área abrangida pelo programa seja incluída no itinerário da viatura responsável pelo setor, para reforçar o compromisso com aquela co-

munidade. Os indicadores criminais da área são monitorados pelo comando para verificar a eficiência do programa.

Por meio da iniciativa privada são colocadas placas que indicam que aquela área faz parte do programa, funcionando como um meio de prevenção de delitos. Uma das diretrizes do programa é definir um tutor para cada área. Ele recebe visitas constantes dos policiais militares da área com o intuito de trocar informações a respeito da comunidade. A vizinhança se compromete a denunciar pelo 190 quaisquer atitudes suspeitas na área, ajudando na prevenção criminal.

Unir a sociedade civil

No bairro do Morumbi, em São Paulo, o movimento “Butantã Urgente”, criado por moradores do bairro para reivindicar

melhorias nas questões de segurança antecedeu o Vizinhança Solidária. O núcleo local Jardim Peri Peri, que faz parte do Conseg Morumbi, incluiu cinco bairros no programa: Jardim Previdência, Jardim Rolinópolis, Jardim Peri Peri, Jardim das Vertentes e Jardim Olímpia. “Esse núcleo foi sugerido porque o pessoal do Conseg percebeu que estávamos bem organizados”, afirma André Wílân Araújo de Lima, diretor da entidade. “A PM nos mostrou o programa, que é uma ferramenta cuja essência é unir a sociedade civil com o poder público local”, conta.

Segundo ele, a área do programa abrange 15 mil mo-

Coronel Kemji Konishi,
diretor da polícia
comunitária da PMSP



O sucesso do programa depende do engajamento dos membros e de confiança mútua

A essência do programa é unir ações da sociedade civil e do poder público

radores, com 12 condomínios, cinco associações de moradores de bairro e mais de 20 estabelecimentos comerciais. "Começamos a difundir a prática cidadã de segurança pública, que é o papel do cidadão no contexto de vigilância". Os cinco bairros inseridos na região têm cinco tutores. Eles são instruídos pela PM para agir preventivamente diante de fatos e condutas relacionadas à segurança pública e incentivar os demais vizinhos a também agirem.

André diz que um morador que sofre assalto não deve deixar de registrar o boletim de ocorrência nunca. "O líder deve estimular o morador a formalizar junto à Prefeitura pedidos de iluminação, informar sobre terrenos que estão abandonados, árvores que precisam ser podadas, pois mostra que está tomando conta de seu bairro. E pelo programa, compartilhamos informações de segurança ou ocorrências de crimes".

Nesse núcleo, a aderência ao programa foi rápida porque ele já vinha compartilhando as informações de ocorrências de

delitos. "Já havíamos adotado a comunicação por rádio entre os condomínios, com as portarias dos prédios se comunicando entre si".

Entra em cena o Whatsapp

Quando há crimes ou indivíduos suspeitos nas áreas, o porteiro do prédio liga para o 190 da PM. "Isso acaba gerando um alerta para toda a comunidade. Além disso, criamos um grupo no Whatsapp com mais de 50 pessoas, com lideranças e moradores interessados em proteger esses cinco bairros". A ideia é que as pessoas troquem mensagens instantâneas sobre os fatos que estão ocorrendo e que o tutor do bairro comunique a ocorrência à polícia.

André lembra que o programa cria envolvimento entre a PM e a comunidade local. O núcleo de Peri Peri está ligado à segunda companhia do 16º BPM. "Não podemos exigir que os policiais estejam no bairro constantemente, porque conhe-

André Wílson Araújo
de Lima, diretor do
Butantã Urgente



ceamos suas limitações de recursos. Mas essa parceria é fortalecida formalizando as ocorrências, fazendo com que nossas necessidades sejam avaliadas pela PM com mais credibilidade", explica.

Rádios testados

André lembra que uma das dificuldades iniciais para a implantação do programa foi fazer com que o sinal de rádio chegasse ao alcance de todos. "Na minha rua, com seis condomínios, não houve grandes desafios com o alcance do sinal, mas para expandir o projeto até o Condomínio Labitare Raposo Tavares, no Butantã, havia problema do sinal ser alcançado. Fizemos adaptações e toda a análise técnica foi estruturada. Depois, testamos e colocamos um repetidor de sinal exclusivo, o que fez funcionar plenamente", conta.

Na Vila Prudente

Renato Salvatore Chiantelli, diretor do Conseg da Vila Prudente, na capital paulista, diz que o bairro também participa do programa. Há seis anos os moradores resolveram se unir para espantar a criminalidade que cresceu no local, especialmente por causa da construção da estação de Metrô Vila Prudente. "Com a interligação do monotrilho que já começa a funcionar em caráter experimental, a Vila Prudente passou a ter um número de população flutuante maior do que esperávamos. Residências de melhor padrão foram construídas, além dos automóveis que são estacionados nas intermediações do metrô, viraram chamariz ao bandido".

Atualmente, três condomínios em algu-



mas ruas e outras 20 residências em outras fazem parte do programa. Na ocasião, foram promovidas palestras de orientação com condomínios da região e distribuídos cartazes com dicas de segurança. Os moradores das ruas Francisco Polito, Itanhaém, Cavour e adjacências, que sofriam com muitas ocorrências, resolveram se organizar. Depois de ações discutidas em conjunto com a PM, o bairro entrou no projeto, utilizando as ferramentas de comunicação existentes. Agora, os condomínios estão interligados por rádio comunicadores e Whatsapp para alertar sobre possíveis suspeitos. A ideia é integrar o monitoramento eletrônico por câmeras e por internet à Base Comunitária de Segurança de Vila Prudente, instalada na praça central do bairro (pr. Padre Damião).

Na região, há empresas especializadas

em fazer locação e manutenção de equipamentos de monitoramento eletrônico, instalando câmeras de alta definição, com infravermelho nas ruas, postes, esquinas e residências altas, aparato disponibilizado para todo o grupo de moradores pela internet. "Eles pagam uma mensalidade, rateando o custo entre 20 moradores e, pelo *smartphone*, todos veem em tempo real a sua casa e a do outro", conta Renato. O grupo dessa área preferiu não instalar a logomarca do programa autorizada pela PMSP.

Apoios institucionais

O vice-presidente de administração imobiliária e condomínios do Secovi-SP (Sindicato da Habitação), Hubert Gebara, diz que, logo que o sindicato conheceu o programa decidiu apoiá-lo. "Não fomos

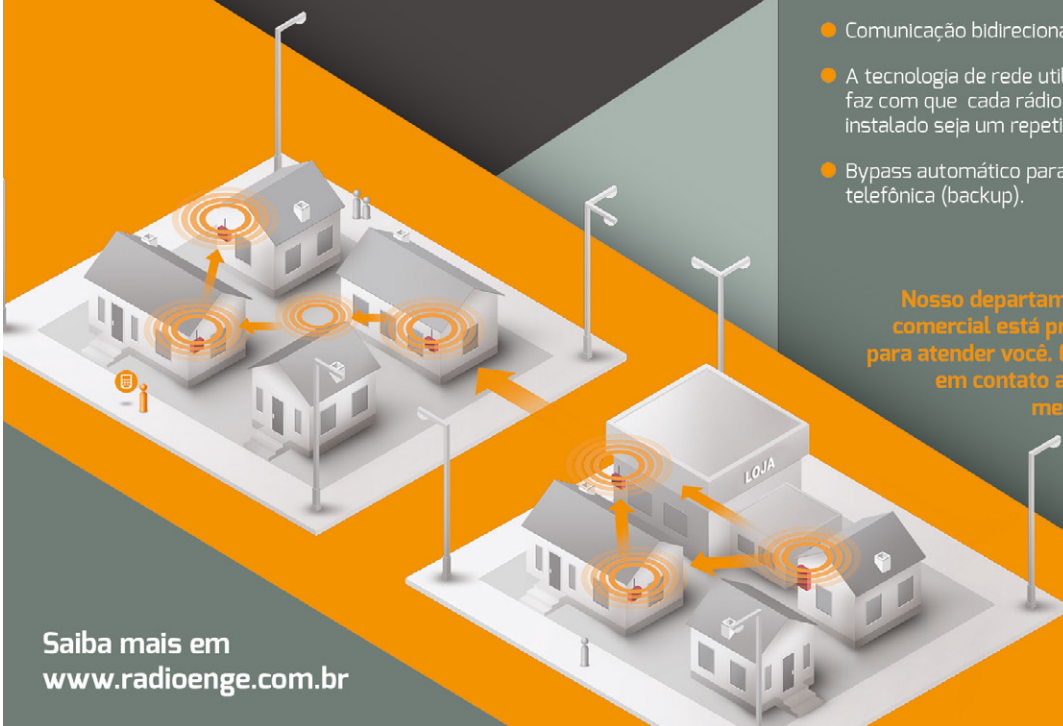
nós que criamos o programa, mas reconhecemos a importância de uma ação inteligente que inclui a sociedade nas questões de segurança".

Já Rubens Carmo Elias Filho, presidente da Aabic (Associação das Administradoras de Bens Imóveis e Condomínios de São Paulo), diz que o apoio ao programa consiste em demonstrar aos condomínios que não há nenhum problema trabalhista relacionado à participação dos porteiros no "Vizinhança Solidária", pois a inibição de delitos já é uma das atribuições inerentes à função. "Nada prejudica o porteiro, muito pelo contrário, ele também fica mais protegido." ■

Rubens Carmo Elias Filho,
presidente da Aabic



Radioenge



Único rádio alarme bidirecional em Rede MESH do Brasil

Conheça as vantagens do Monitoramento via Rádio Rede MESH

- Comunicação bidirecional.
- A tecnologia de rede utilizada faz com que cada rádio instalado seja um repetidor.
- Bypass automático para linha telefônica (backup).
- Todas as informações que trafegam na rede são criptografadas.
- Compatível com CONTACT-ID.
- Sem custos adicionais, você é proprietário da sua rede.
- Homologado na Anatel.

Nosso departamento comercial está pronto para atender você. Entre em contato agora mesmo!

(41) 3030-1417
rosana@opengestaocomercial.com.br
lvone@opengestaocomercial.com.br

Visite-nos na Exposec 2015

Saiba mais em
www.radioenge.com.br

IMECOTRON

comemora 35 anos

Tecnologia e confiança marcam a trajetória da empresa no segmento de portões automatizados

Por Adriane do Vale

No dia 1º de abril de 1980, a fabricação da primeira máquina para abertura de portões ocorreu no porão de uma casa, localizada em Caxias do Sul (RS), sob o comando do técnico em eletricidade Norberto José Andreazza. Assim nasceu a Imecotron Indústria Mecânica de Comandos Eletrônicos Ltda. que, com apenas dois funcionários, deu o primeiro passo para uma caminhada que completa 35 anos.

Ao longo dessa jornada, a empresa sofreu com as inconstâncias da política industrial brasileira e conseguiu passar pelos percalços com a firme decisão de vencer em um ambiente adverso. Com determinação e objetivo bem definido a Imecotron seguiu em frente e acelerou o projeto de ser uma indústria forte.

Hoje, atende todo o mercado nacional. Tem distribuidores em todas as regiões do País e também no exterior, estando presente no Paraguai, Argentina, Uruguai e Chile e em processo de expansão na África do Sul e América Central.

A empresa é reconhecida pela qualidade e constante atualização tecnológica de seus produtos,

aliando-os às demandas do mercado, principalmente nos segmentos residencial, comercial, industrial, com destaque para as produtoras de grãos, para as quais é referência em portas para secadores de sementes e, ainda, no segmento de serviços, com o fornecimento de automatizadores basculantes e deslizantes, cancelas e pivô-tantes industriais e outros.

Nos últimos anos, mesmo com a instabilidade econômica no Brasil, a Imecotron seguiu seu caminho de prosperidade e registrou um crescimento acima de 10% ao ano, focada no lançamento de novos produtos e na inovação.

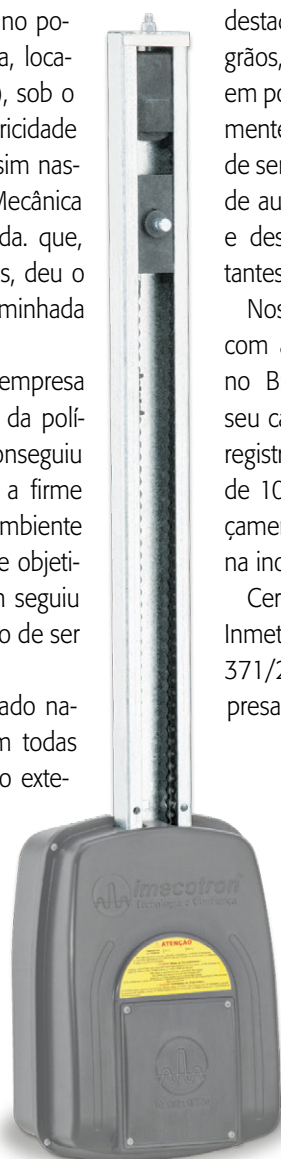
Certificada pelo Inmetro (Portaria 371/2009), a empresa tem projetos

Ricardo Mioranza,
diretor da Imecotron



ambiciosos para o próximo quinquênio. Para isso, conta com apoio de uma equipe liderada pelo diretor Ricardo Mioranza, que enfatiza que a meta sempre foi e continuará sendo o desenvolvimento sustentável com base no aprimoramento tecnológico e na valorização dos colaboradores. Com essa mesma visão, o diretor industrial Norberto Andreazza, há 35 anos na empresa, aposta nas novas estratégias.

Neste contexto, os colaboradores apostam em suas estratégias de negócios, pois sabem que os avanços obtidos fomentam todo o processo produtivo, que alcança os objetivos delineados graças a uma equipe técnica responsável e de grande conhecimento, que trabalha em prol da melhoria contínua. ■



TERRORISMO NO BRASIL



Diógenes Viegas Dalle Lucca

É imperativo reconhecer que o Brasil pode tornar-se alvo de ações terroristas. Um dos aspectos mais relevantes que o terrorismo leva em conta é a amplitude das suas ações, sobretudo a capacidade que o fato tem de se tornar amplamente conhecido e, nesse sentido, eventos com grande cobertura de mídia constituem um atrativo especial.

Uma ação terrorista conta com três premissas como características principais: simplicidade, eficácia e segurança.

A simplicidade retrata a possibilidade e capacidade de improvisação do agente terrorista. A eficácia retrata que as ações terroristas via de regra atingem o objetivo pretendido. A segurança diz respeito ao plano de proteção do agente terrorista para evitar o confronto e não deixar rastros quanto à autoria e materialidade do atentado.

A Copa do Mundo de 2014 serviu como um laboratório para a aproximação dos diversos atores com diferentes responsabilidades nas esferas Municipal, Estadual e Federal. Os Centros de Comando e Controle criados serviram como ponto de apoio para essa importante iniciativa e a palavra que mais se ouviu em diversas oportunidades foi “integração”. No entanto, boa parte do empuxo de energia para a aproximação desses órgãos e consolidação dos Centros de Comando e Controle deixou de existir a partir do encerramento do evento. Não houve retroalimentação desse processo capaz de promover avanços e correção das inconsistências. Praticamente pode-se dizer que demos um passo à frente e outro para trás.

Estamos muito próximos de um grande evento: as Olimpíadas de 2016. Haverá um grande fluxo de turistas no território nacional, o que irá sobrecarregar ainda mais a frágil fiscalização da estrutura aeroportuária e de fronteiras existentes, fato que por si só já eleva bastante o risco de entrada de materiais não permitidos e de pessoas que possuam objetivos diversos daqueles que o evento possa sugerir.

Em termos de tecnologia de materiais e equipamentos de prevenção, detecção e análise de vestígios e indícios contra ações terroristas, pode-se dizer que há bastante oferta no mercado, mas, se não houver treinamento dos operadores e procedimentos (leis, regulamentos e normas de ação), pouca utilidade terá o recurso tecnológico, pois a eficiência se dá quando se juntam profissionais qualificados, treinamentos especializados e recursos tecnológicos adquiridos.

Para efeitos legais, o Brasil consta como participante de diversos acordos internacionais que tratam do tema terrorismo e, dessa forma, pode-se oficialmente dizer que o País se preocupa com o tema. Mas, na prática, ou mais precisamente na tomada de decisão por medidas efetivas, pode-se dizer que o Brasil opta pelo “esse problema não é nosso”. E isto é pior do que não se preocupar, porque aquele que não se preocupa, quando atingido por uma catástrofe, pode alegar que não previu, mas aquele que, prevendo a importância, deixa de adotar as medidas indispensáveis, erra muito mais gravemente do que o primeiro, o que nos obriga a lembrar a máxima do ilustre pensador Auguste Comte: “Prever para prover”.





RONDA EFICIENTE

Tecnologia não substitui a ronda

Atividade, quando claramente estabelecida e controlada, complementa o aparato de sistemas e equipamentos colocado à disposição da segurança

Por Luciana Fleury

A ronda intramuros, um dos procedimentos mais antigos de vigilância, continua sendo importante para proteger instalações, mesmo diante dos contínuos avanços da tecnologia dos sistemas de monitoramento. No entanto, para ser efetiva, ela deve reunir uma série de requisitos, a começar por pessoal treinado e rotas bem definidas, além de seguir estratégias para que não se torne apenas uma rotina.

Para identificar e conciliar todas estas questões, o primeiro passo, segundo Roberson Boa, gerente de operações da Security Vigilância Patrimonial, empresa do Grupo Segurança, é indispensável uma detalhada e aprofundada análise de risco do empreendimento a ser monitorado. Nesse trabalho são considerados aspectos como tamanho do local, áreas a serem protegidas, pontos vulneráveis e atrativos para um eventual crime. "A troca de informações com o cliente é fundamental para uma análise de risco bem feita, pois ele conhece o dia a dia de sua operação, itens que podem chamar atenção de criminosos

Mesmo com o avanço da tecnologia, as rondas continuam a ser fundamentais. Para que sejam eficientes, entretanto, demandam muita atenção

e pontos fracos da segurança", ressalta.

O mapeamento pontua cada espaço com valores de 0 a 10 (sendo 0 o de menor risco), permitindo uma visão clara da atenção demandada em cada ponto. "Com base nele, definem-se os equipamentos necessários, como câmeras, alarmes e sensores, por exemplo, pontos de vigilância fixa e o que será alvo de ronda física, chegando-se, inclusive, à frequência ideal de passagem de vigilante, traçado da rota e o número de profissionais necessários", afirma o gerente.

Observação atenta

A observação é o ponto fundamental para a qualidade do trabalho realizado pelo vigilante durante a ronda. "Ele precisa conhecer bem o ambiente e a rotina do local para separar algo anormal do corriqueiro", diz Boa. Segundo o especialista, tudo deve chamar a atenção do profissional: uma lâmpada apagada

quando deveria estar acesa; uma porta aberta que era para estar fechada; ferramentas em um local não usual; documentos à vista em

Roberson Boa, gerente de operações da Security Vigilância Patrimonial



um escritório, quando a empresa adota a política de mesa limpa; um fio cortado (que pode indicar preparação para furto de cobre) etc.

Mas é preciso também manter procedimentos operacionais claros a serem seguidos diante de uma ocorrência. "No caso de encontrar documentos, por exemplo, pode-se estabelecer que o vigilante deverá pedir reforços para fazer a coleta diante de uma testemunha, lacrar o material, anotar o local em que foi encontrado e deixá-lo na recepção, além de registrar o fato no livro de ocorrências", diz.

A observação do vigilante, em alguns casos, pode se estender para outros aspectos que vão além da segurança, como estar atento se uma bomba hidráulica, que deveria entrar em funcionamento em determinado horário, está realmente em operação. O perfil ideal do profissional selecionado é de alguém detalhista e proativo, para, com a experiência do dia a dia, levar sua percepção além do identificado inicialmente e propor melhorias contínuas da própria ronda.

A necessária quebra da rotina

Fazer da ronda uma simples rotina, sem valorizar o papel ativo do profissional contratado para realizar o trabalho, é um erro. "O fato de o vigilante ter de obrigatoriamente passar por pontos preestabelecidos, sob pena de punição,



Alterar a rota regularmente evita o trabalho maquinal e pode confundir os bandidos

José Boaventura Santos,
presidente da CNTV



caso não o faça, pode deixar o trabalho maquinal e condicionado. Algumas vezes, o profissional fica menos preocupado em realizar uma observação crítica do que em cumprir a rota definida”, comenta o presidente da CNTV (Confederação Nacional de Vigilantes e Prestadores de Serviços), José Boaventura Santos.

Esse tipo de situação deve ser evitado com estratégias que contornem o problema. Uma saída é apostar no papel do supervisor, designado para avaliar periodicamente a qualidade do trabalho realizado e até acompanhar o vigilante em uma ronda, para reforçar aspectos críticos e os pontos de observação.

Também vale a pena alterar regular-

mente a rota seguida pelo vigia. Essa medida, além de quebrar a rotina, evita que pessoas mal-intencionadas descubram o roteiro traçado e se aproveitem da informação para desenhar a sua estratégia criminosa.

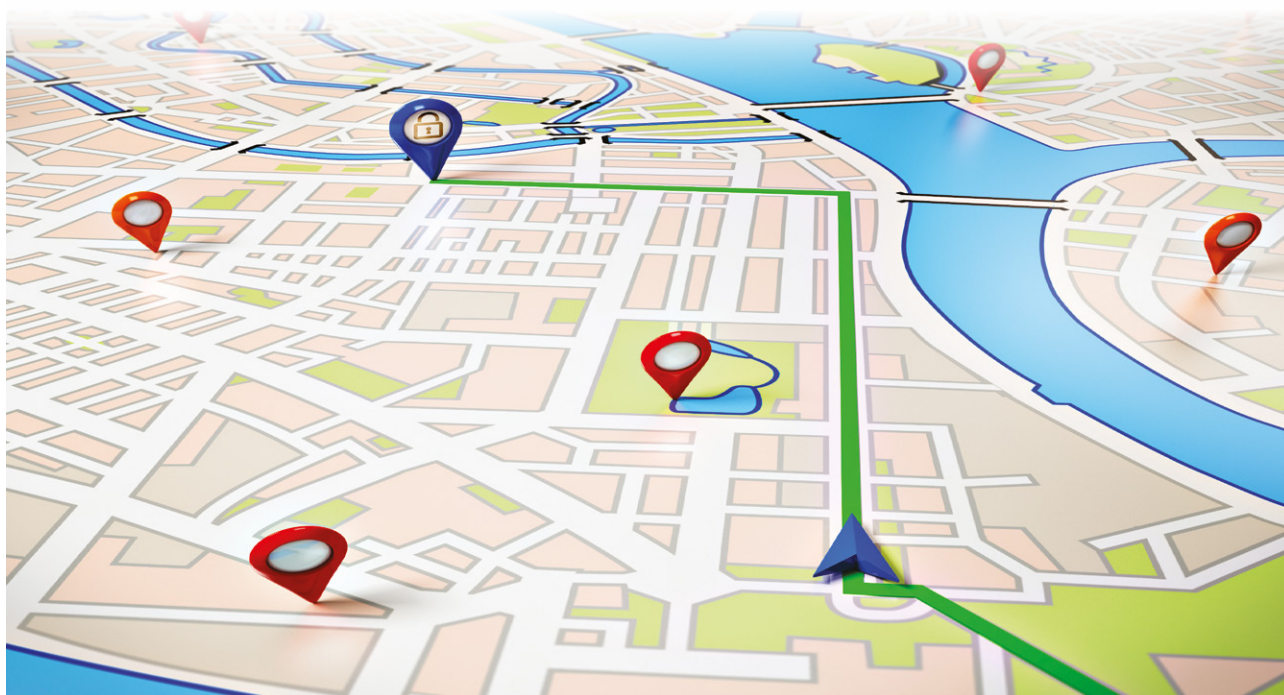
Apoio tecnológico

O controle da ronda, como todos sabem, tem sido muito beneficiado pelos avanços tecnológicos. O antigo relógio de marcação, foi, há muito tempo, substituído por pontos eletrônicos (botões inteligentes) instalados nos locais estratégicos e bastões de leitura. Graças a esses sistemas, dados como passagem do vigia, além de data e hora de incidentes, ficam detalhadamente registrados e servem para gerar relatórios de controle, tudo isso gerido por softwares apropriados de ronda. Os programas podem até ajudar a criar, de forma randômica e baseado em

critérios pré-determinados, novas rotas a serem percorridas pelo vigilante.

A grande maioria dos bastões possui hoje botão de pânico que emite alertas à central de monitoramento e alguns dispositivos já incorporam tecnologias como leitor por *QR Code*, transmissão dos dados via *Bluetooth*, registro de incidentes com imagens e até o uso de GPS, para registrar com exatidão as ocorrências.

O sistema pode operar *off-line*, situação em que as informações são coletadas ao final do turno, armazenadas em um computador ou salvas na “nuvem”, podendo ser acessadas remotamente pela internet. Isso tudo facilita o controle o trabalho do vigilante e a identificação de desvios, incidentes ou não cumprimento do trajeto. No caso de situações críticas, o ideal é ter uma operação *on-line*, na qual seja possível a identificação imediata de problemas. Se o vigilante não passar pelo ponto sele-



cionado no horário determinado, o sistema gera alertas para que a central entre em ação e verifique, por exemplo, se o vigilante foi rendido por criminosos.

A análise de risco sempre orienta qual é a melhor solução, considerando custo e benefício para cada caso. No entanto, existem alguns quesitos a serem analisados durante a seleção do sistema e dos equipamentos a serem adquiridos.

A durabilidade e resistência são características importantes apontadas por Geraldo Tarasconi, diretor de desenvolvimento e sócio da Contronics, empresa brasileira pioneira no desenvolvimento de soluções para controle de ronda e com mais de 2 mil clientes espalhados em 65 países. "É preciso avaliar o quanto inquebrável é o equipamento. É grande a possibilidade de existir, entre toda a

equipe de vigilantes de uma empresa, uma minoria de profissionais que não queira trabalhar ou que se sinta aborrecida por ser controlado pelo equipamento e tente destruí-lo de todas as maneiras, jogando no chão ou até mergulhando na água", explica Tarasconi.

Outro ponto importante é ter garantida a rápida manutenção ou substituição do produto em caso de vandalismo que o danifique. Também é preciso cuidado no tipo de bateria. "Os bastões ficam nas mãos dos vigilantes e, portanto, todos eles são operados por bateria. Nós aprendemos, com nossa experiência, que a opção por bateria recarregável é uma péssima ideia porque leva tempo para recarregar e pode significar a não realização da ronda. Os vigilantes podem alegar que não realizaram o trajeto

porque o equipamento estava carregando", diz. O ideal, segundo Tarasconi, é que os bastões sejam alimentados por pilhas comuns, de fácil aquisição e que o consumo seja baixo, fazendo com que a pilha dure muitos meses.

Finalmente, há a questão do suporte técnico eficiente, de fácil contato e com respostas rápidas para apoio em caso de dificuldades no uso do sistema e análise se as soluções adotadas são desenvolvidas de forma a serem compatíveis para aceitar melhorias de interfaces e funcionalidades, naturais na evolução da tecnologia.■



Geraldo Tarasconi, diretor de desenvolvimento e sócio da Contronics

11º Curso de Gerenciamento do Stress

Certificação pela International Stress Management Association no Brasil e Canadian National Centre for Occupational Health & Safety

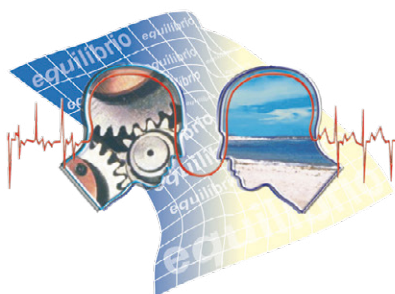
Participação especial: Joseph J. Hurrell, PhD (Canadá)

21 e 22 de junho de 2015

Hotel Plaza São Rafael - Porto Alegre RS

Inscrições
com desconto
até 31/5

O evento que faz diferença no seu desempenho



Trabalho, Stress e Saúde:
o engajamento na prevenção do burnout
- da teoria à ação

15º Congresso de Stress da ISMA-BR
(International Stress Management Association)

17º Fórum Internacional de
Qualidade de Vida no Trabalho

7º Encontro Nacional de Qualidade
de Vida na Segurança Pública

7º Encontro Nacional de Qualidade
de Vida no Serviço Público

3º Encontro Nacional de Responsabilidade
Social e Sustentabilidade

Principais temas

- Burnout e engajamento
- Demandas-recursos no trabalho
- Gerenciamento do stress
- Meio ambiente e sustentabilidade
- Saúde e trabalho
- Tendências atuais do trabalho

(51) 3222.2441 / stress@ismabrasil.com.br
www.ismabrasil.com.br

23 a 25 de junho de 2015

Centro de Eventos Plaza São Rafael - Porto Alegre RS

Realização



Apoio

SECURITY
BRASIL

A DINÂMICA DE UMA CRISE



Wanderley Mascarenhas de Souza

Foto Divulgação

Uma crise não necessita de um fato. Pode se iniciar com um boato. No primeiro estágio da crise, acontece a simplificação do boato. Uma grande história é resumida. No segundo estágio, ocorre o exagero. Os detalhes mais agudos são aumentados e a história ganha em dramaticidade. No terceiro estágio, a opinião pública interpreta o boato de acordo com sua visão de mundo, com seus valores. Nesse momento, se não se gerenciou a crise os efeitos podem ser devastadores.

Normalmente, não estamos preparados para gerenciar a crise, pois nunca acreditamos que uma situação dessas irá nos atingir. Você tem um plano para gerenciamento de crise desenhado para sua empresa?

Gerenciar é atuar no controle da crise depois que ela inicia

Nesse caso a empresa já deverá estar preparada para administrar e controlar todas as ocorrências. Quanto mais a empresa estiver preparada, melhor será sua atuação e melhores serão os resultados obtidos a partir dessa ação.

O gerenciamento prevê a análise da situação no início do processo de crise e a imediata tomada de decisões para controle e manutenção das ocorrências.

O gerenciamento da crise tem papel determinante no processo depois que a crise já está instalada, porque ele o ajudará a neutralizar as forças e impactos danosos a sua empresa.

Entretanto, é preciso ter em mente que o gerenciamento de crise apenas controla os efeitos danosos à imagem corporativa, mas não evita os prejuízos e custos decorrentes dela.

Os ganhos do gerenciamento de crise são o quanto você puder e conseguir neutralizar seus efeitos e o quanto você conseguir demonstrar aos públicos envolvidos que atuou de maneira séria e responsável no tratamento e no controle do episódio.

Toda empresa precisa estar muito bem preparada para atuar de forma eficaz diante de qualquer situação inesperada ou imprevista.

O que fazer

Algumas dicas para não ficar perdido quando a crise já está no portão de sua empresa:

Calma. Prepare-se: Não saia falando sem saber de fato o que aconteceu. Declare à imprensa que você irá se informar e voltará a falar. E volte. Não tema. Fale. Se você não falar, alguém vai falar por você, só que não necessariamente a verdade.

Mentir, jamais. A mentira tem mesmo pernas curtas. E, quando alguém descobrir que você está mentindo, um dos últimos e o mais precioso recurso que lhe resta, a boa vontade da opinião pública, estará perdido. Daí para frente, nada mais importa: você será o culpado.

Assegure-se de estar sendo compreendido. Tudo é um problema de comunicação. Será que os jornalistas e a opinião pública estão de fato entendendo e aceitando o que você está falando? Cuidado com termos técnicos e evasivos.

Na próxima edição continuarei com as dicas sobre o que pode, o que não pode fazer e como estar preparado nesses casos.

Wanderley Mascarenhas de Souza, especialista em Gerenciamento de Crises, Negociação, Explosivos e Sequestros é consultor em segurança eletrônica

Participe da maior feira de
reabilitação na América Latina

ReaTech

FEIRA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS EM REABILITAÇÃO, INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

9 a 12
ABRIL
2015

www.reatech.tmp.br

Brasil

Visitação gratuita

dias 9 e 10 das 13h00 às 21h00

dias 11 e 12 das 10h00 às 19h00

Há 14 anos no
coração do setor!



Organização



Filiado à



Membro da



Local



Rodovia dos Imigrantes, Km 1,5 - São Paulo - Brasil

EMPATIA NO MOMENTO DA CONTRATAÇÃO



Antonio Carlos Biagioni

Foto Divulgação

Um dos sentimentos mais controversos que existe, a empatia pode se tornar o maior obstáculo no relacionamento de contratação ou, então, ser o maior facilitador nesta relação. Estamos lidando com seres humanos, logo há de se levar sempre em conta que pessoas mentem, toleram, falham, transgridem, enganam... Enfim, são imprevisíveis. Até nos familiarizarmos com o agente e ele conosco, é necessário que transcorra certo período de tempo. Quando há empatia entre o contratante e o contratado surgem facilidades que reduzem em muito este lapso temporal de acomodação. Antes de contratar alguém para preencher uma vaga de agente, devemos adotar medidas para nos precaver contra aventureiros ou oportunistas de plantão.

Dicas interessantes antes de contratar

- 1- Saiba sobre a origem do agente, não somente seus antecedentes ou por quantas empresas e por quais experiências táticas já passou, mas, principalmente, quantos clientes já teve a oportunidade de servir. Saber o motivo que levou à dispensa é importantíssimo;
- 2- Procure testá-lo ao volante, entendendo sua maneira de dirigir em situações normais e sob estresse aumentado. Saiba se ele conhece bem o ambiente onde irá trabalhar, identificando tanto itinerários como locais de negócios;
- 3- Simule situações nas quais o emocional seja testado, para saber se o agente é confiável e prestativo ou se recua diante da menor sensação de perigo.
- 4- Tenha na cabeça a dimensão do risco pessoal a que você está sendo submetido. As qualificações do agente devem ser proporcionais a ele;
- 5- Procure determinar o que você espera do serviço e que tipo de profissional poderá lhe atender. Só assim um perfil adequado poderá ser traçado e o seu protetor executivo ser encontrado.

- 6- Use seu *feeling* ao entrevistar. Pouco importará se agente é capaz ou não, experiente ou não, bom caráter ou não, se não despertar naturalmente o desejo de contratá-lo.

Risco previsível: jamais se esqueça de que o agente deverá ter alguns predicados fundamentais para o bom desempenho da função de proteger vidas, com o sacrifício da sua própria.

Qualidade imprescindível: das características que compõem o perfil do bom agente, a mais importante é, sem sombra de dúvida, a lealdade. Só ela poderá promover a necessária cumplicidade entre protegido e protetor para que, em um determinado momento, um entregue a vida ao outro espontaneamente e o outro defenda a vida do primeiro automaticamente.

Lembre-se: É muito pouco provável que consigamos mudar uma pessoa em tão pouco tempo. Por isso, para contratar o segurança pessoal ideal, devemos deixar nosso sexto sentido falar. ■



Antonio Carlos Biagioni, coronel aposentado da Polícia Militar do Estado de São Paulo, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, especialista em gestão de crise e em segurança pública e privada, além de coordenador de proteção executiva



XXI FISP

Feira Internacional de Segurança e Proteção
International Fair of Safety and Protection



5 a 7

outubro | 2016

Faça o credenciamento no site
www.fispvirtual.com.br

Contato: comercial@fieramilano.com.br | (11) 5585-4355

REALIZAÇÃO



ORGANIZAÇÃO



Official Partner

FILIADO À



MEMBRO DA



LOCAL



ESTUDO DE CASO: SEGURANÇA PÚBLICA E PRIVADA NO RIO DE JANEIRO

TESE DE DOUTORADO APRESENTA MÉTODO DE
MONITORAMENTO DE CENÁRIOS PROSPECTIVOS

por Antonio Celso Ribeiro Brasileiro

FOTO SHUTTERSTOCK

Em 2007 apresentei minha tese de doutorado em ciência e engenharia da informação e informação estratégica na Université de Marne-la-Vallée, em Paris, na França. Intitulado “Prevenindo riscos corporativos pela monitoração de cenários prospectivos: a construção de um referencial metodológico baseado em estudo de caso na segurança pública e privada brasileira”, o trabalho abordou a situação da segurança pública no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, dentro de um contexto socioeconômico, policial, judiciário e empresarial.

O resultado das pesquisas foi a identificação de problemas como a falta de políticas efetivas em segurança pública, a necessidade real de modificar a legislação brasileira no que diz respeito ao Código Penal, a reforma nas instituições policiais, a exclusão social e a falta de educação e saúde para as classes menos favorecidas, que acabam sendo a matéria-prima da criminalidade.

Na tese, também demonstrei como a construção de cenários prospectivos em segurança pública e privada se apresenta como uma ferramenta de gestão que pode melhorar o processo de planejamento estratégico das empresas ao fornecer visões alternativas sobre o futuro e suas incertezas, tomando possível preparar antecipadamente a empresa para as ameaças e oportunidades do ambiente.

A tese propõe a construção de um referencial metodológico para a monitoração de cenários prospectivos de curto prazo, com o uso de abordagens combinadas que melhor se adaptem às características do setor de segurança pública e privada.

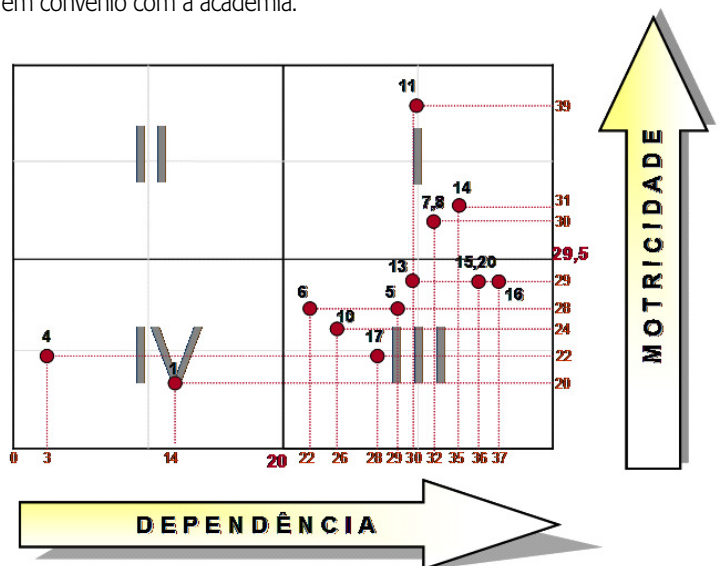
Ressalto que os riscos tornaram-se mais complexos, refletindo mudanças mundiais como a globalização da economia, fusões e aquisições em vários setores, além da constante evolução tecnológica. Surgiram riscos vinculados ao *e-business*, parcerias, eficiência dos canais de distribuição, competição, inovação tecnológica, capital intelectual, situação social de regiões, conflitos territoriais, crime organizado e criminalidade, entre outros. Assim, é evidente a necessidade das empresas conhecerem os riscos internos e externos. A elaboração de cenários surgiu visando transformar a incerteza total em incerteza parcial, e este é o objetivo do gerenciamento de riscos ao elaborar cenários prospectivos específicos de riscos corporativos.

No Brasil, um dos fatores de risco que impacta as operações dos segmentos empresariais são as condições de

segurança pública dos Estados e metrópoles, integradas às condições socioeconômicas. A tese propõe a construção de um referencial metodológico de monitoração de cenários prospectivos para todo o segmento de segurança pública e não para empresas isoladamente. Ele foi composto utilizando-se um conjunto de métodos que melhor se adaptou às características conjunturais das empresas no Brasil e de suas variáveis. Não foram localizadas referências sobre trabalhos desta natureza no setor. Daí o ineditismo da proposta de visualização da situação futura de uma importante cadeia produtiva. A tese demonstra a importância do processo de construção de cenários prospectivos em segurança pública para todos os componentes da indústria e serviços em seu processo de planejamento estratégico, garantindo ações estratégicas eficientes para proteção, sobrevivência e mitigação de impactos.

Depois de elaborado, o modelo de referência prospectiva foi testado por meio de monitoramento das variáveis e de fatores facilitadores para identificar suas principais potencialidades e limitações.

Trabalhei na tese durante quatro anos, de 2003 a 2006, e envolvi nela 67 alunos e 16 grupos de trabalho ligados à disciplina Construção de Cenários Prospectivos em Segurança Pública e Privada do curso de especialização de Gestão de Riscos, que a Brasileiro mantém em convênio com a academia.



Legenda: 1. Baixo Nível de Escolaridade; 4. Elevada carga tributária; 5. Desigualdade social; 6. Exclusão social; 7. Corrupção policial; 8. Corrupção no judiciário; 10. Inteligência Policial; 11. Legislação Brasileira; 13. Sistema Carcerário; 14. Violência Urbana; 15. Facções Criminosas estruturação do crime como empresa; 16. Facções Criminosas: assistencialismo; 17. Valores éticos e morais nas empresas; 20. Estruturação das milícias em função da inoperância do Estado.

Matriz Atores x Fatores Facilitadores

Fatores Facilitadores	Peso Motricidade	ATORES							
		A1	A2	A5	A7	A8	A9	A10	
X1	20	20	0	20	20	0	0	0	
X5	28	28	0	28	28	0	0	0	
X6	28	28	0	28	28	0	0	0	
X7	30	30	30	0	28	28	28	28	
X8	30	30	30	0	28	28	28	28	
X10	24	24	24	0	0	24	0	0	
X11	39	0	0	39	39	39	0	0	
X13	29	29	29	0	0	39	39	39	
X14	31	31	31	31	31	0	31	31	
X15	29	29	29	0	29	29	29	29	
X16	29	29	29	0	29	29	29	29	
X17	22	0	0	22	22	0	0	0	
X20	29	29	29	0	0	29	29	29	
PMA (Potência de Motricidade dos Atores)		307	231	168	282	245	213	213	

Legenda: Atores: 1. Governador; 2. Secretário de Segurança Pública; 5. Sociedade Carioca; 7. Empresariado e Executivos; 8. Juízes e Promotores; 9. Lideranças das Facções Criminosas; 10. Lideranças das Milícias.

Fatores Facilitadores: 1. Baixo Nível de Escolaridade; 5. Desigualdade social; 6. Exclusão social; 7. Corrupção policial; 8. Corrupção no judiciário; 10. Inteligência Policial; 11. Legislação Brasileira; 13. Sistema Carcerário; 14. Violência Urbana; 15. Facções Criminosas estruturação do crime como empresa; 16. Facções Criminosas: assistencialismo; 17. Valores éticos e morais nas empresas; 20. Estruturação das milícias em função da inoperância do Estado.

Para construir o modelo do processo de monitoramento dos cenários prospectivos foram encontrados 14 fatores facilitadores e sete atores principais (governador, diretores de empresas, juízes e procuradores, secretário da segurança pública, sociedade carioca, líderes de facções criminosas e de milícias). Os dados foram cruzados para se obter uma matriz estratégica que compreendesse a dinâmica destes fatores, que juntos formam os cenários da cidade do Rio de Janeiro. A interpretação teve como resultado a instabilidade nos cenários do Rio de Janeiro. Conclui, em 2007, que era alta a instabilidade dos cenários táticos para a cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista que existem quatro fatores facilitadores de ligação, ou seja, fatores sobre os quais qualquer ação gera uma repercussão nos demais. A instabilidade significa que os atores poderão agir nos fatores facilitadores plotados no quadrante de ligação. O resultado poderá ser dependente do tipo de ação, tanto positivo como negativo. São cenários de alta volatilidade, tendo solução de curto prazo. As ações estratégicas, tanto do governo como das empresas, são combater a corrupção policial, mudar o *status quo* da legislação brasileira e reduzir a violência urbana, por meio da redução do poder das facções e da realização de ações efetivas no âmbito social nas comunidades. Ou seja, deve haver ações pontuais de combate efetivo ao tráfico e implantação de processo de ocupação do Estado nessas comunidades, com escola, postos de saúde e infraestrutura. A figura "Matriz de Impactos Cruzados", na página anterior, demonstra o cenário de instabilidade com a concentração das variáveis 7, 8, 11 e 14 no quadrante de ligação - instabilidade. Isso significa que,

se o Estado do Rio não focar nestas quatro variáveis, as outras ações serão de "ENXUGA GELO". Ou seja, serão apenas de curtíssimo prazo. Vejam que as ações das UPP's, implantadas ao longo deste últimos anos, deram uma pequena sustentação, mas, como não houve foco no contexto estratégico do Rio, a criminalidade voltou mais estruturada e adaptada. O Estado falhou em não dar continuidade ao projeto de ocupar as comunidades com toda a infraestrutura necessária. Não só de segurança, mas todo o arcabouço necessário. Esta foi a grande falha estratégica.

Em seguida, as matrizes dos facilitadores e dos atores também foram cruzadas para se conseguir medir a potência da matriz de cada ator, sendo que o poder maior recaiu sobre o governador. Diante deste resultado, podemos concluir que a questão política na segurança pública é o que mais pesa. Há também uma forte participação da classe empresarial, a que pode, de forma direta, pressionar o político. Então, as empresas são coniventes com o *status quo* da cidade carioca.

O trabalho também identificou os riscos mais críticos que são: roubo de carga durante a distribuição urbana; raptos; violência urbana; tráfico de drogas; fraudes em empresas; pirataria (fabricação, distribuição e comercialização); delitos primários; conflitos sociais urbanos; terrorismo. Por meio do cruzamento dos fatores facilitadores e os riscos, chegou-se ao nível de influência dos primeiros, e a corrupção judiciária foi apontada como a de maior influência. Em seguida vêm, no mesmo patamar, a legislação, o sistema penitenciário e a facção criminosa (estruturação do crime em empresas). Em terceiro lugar aparece a corrupção policial. Os fatores

Riscos táticos	Fatores facilitadores												
	X1 20	X5 28	X6 28	X7 30	X8 30	X10 24	X11 39	X13 29	X14 31	X15 29	X16 29	X17 22	X20 29
R1	20	28	28	30	30	24	39	29	0	29	0	22	0
R2	20	28	28	30	30	24	39	29	31	29	0	0	0
R3	20	28	28	30	30	24	0	29	31	29	0	0	29
R4	20	28	28	30	30	24	39	29	31	29	29	22	29
R5	0	0	0	0	30	0	0	0	0	0	0	22	0
R6	20	28	28	30	30	24	39	29	31	29	29	22	29
R7	0	0	0	30	30	0	39	0	0	0	0	22	0
R8	20	28	28	0	0	24	0	0	31	0	0	0	0
R9	20	28	28	30	30	24	39	29	31	29	29	0	29
Nível de Influên- cia dos fatores Facilitadores	140	196	196	210	240	168	234	234	186	234	87	110	116

Legenda: Riscos Táticos: 1. roubo de carga na distribuição urbana; 2. seqüestros; 3. violência urbana; 4. tráfico de drogas; 5. fraudes nas empresas; 6. pirataria de produtos; 7. fuga voluntária de informações estratégicas e táticas; 8 conflitos sociais urbanos; 9. terrorismo criminoso.

Fatores Facilitadores: 1. Baixo Nível de Escolaridade; 5. Desigualdade social; 6. Exclusão social; 7. Corrupção policial; 8. Corrupção no judiciário; 10. Inteligência Policial; 11. Legislação Brasileira; 13. Sistema Carcerário; 14. Violência Urbana; 15. Facções Criminosas estruturação do crime como empresa; 16. Facções Criminosas: assistencialismo; 17. Valores éticos e morais nas empresas; 20. Estruturação das milícias em função da inoperância do Estado

facilitadores que aumentam os riscos são ligados às questões policiais e às do judiciário. Parece óbvio para todos nós, mas, infelizmente, não para os governos.

Tudo isso significa que, se o governo do Rio de Janeiro não mirar as ações, a tendência é o aumento contínuo dos índices de insegurança e da proliferação das ações de força por parte das facções e das milícias. Hoje, a questão social no Rio deve ser atacada de maneira estruturada e contínua, visando o médio e o longo prazo.

Apontei onze ações de monitoramento dos cenários táticos: 1) as ações do governador do Rio, principalmente para o combate efetivo da corrupção; 2) a mudança de postura dos diretores de empresas cariocas; 3) as possíveis mudanças da legislação brasileira; 4) o progresso do sistema carcerário; 5) as estruturas e os movimentos das facções criminosas no Rio; 6) o grau de corrupção da polícia civil e militar do Estado do Rio; 7) os programas de inclusão social implantados pelo governo do Estado e empresas, juntos ou em separado, e seus resultados; 8) o nível de planificação e de estruturação dos inves-

timentos em centrais e logística de inteligência, e também da formação das equipes da polícia; 9) o aumento das zonas dominadas pelas milícias no Rio; 10) os programas e as ações das empresas para implantar um código ético e moral e 11) o nível de ajuda social que as facções criminosas fornecem aos favelados, substituindo a função do Estado.

Se você, gestor de segurança e de riscos estratégicos, fizer um *checklist* nas onze ações citadas e levantar quais delas foram de fato operacionalizadas, chegamos a uma triste conclusão: o pior ainda não veio! A tendência ainda é de instabilidade pela inoperância das ações estratégicas.

Portanto, se você é gestor de riscos com negócios na Cidade Maravilhosa, faça para 2015 e 2016 um projeto 'parrudo', solicitando ainda grandes investimentos para que suas operações consigam um grau de competitividade e eficácia. ■

Antonio Celso Ribeiro Brasileiro, professor, doutor em Science et Ingénierie de l'Information et de l'Intelligence Stratégique (Ciência e Engenharia da Informação e Inteligência Estratégica) pela Université East Paris - Marne La Vallée, Paris, França, e diretor presidente da Brasileiro & Associados.



O seu mundo mais seguro

- ✓ Alta qualidade de imagens
- ✓ Controle de acesso eficaz
- ✓ Melhor preço da categoria
- ✓ Satisfação de nossos clientes

É O NOSSO FOCO!

DVRs - GRAVADOR DIGITAL DE VÍDEO
RESOLUÇÃO WD1/960H



CÂMERA BULLET
600/700 LINHAS



CÂMERA DOME
600/700 LINHAS

Acessos Biométrico

ANVIZ



www.vmis.com.br

Fones: (31) 3622-0470 / 3622-0124

PLANO DE GESTÃO: IDENTIFICANDO AS AMEAÇAS

Com os índices de criminalidade em crescimento, planejar a segurança é essencial

por Erasmo Prioste

Na última edição, apresentamos o início da série sobre o detalhamento do Plano de Gestão de Riscos Corporativos (PGRC). Em continuidade ao tema, o assunto deste artigo será os meios para identificar os riscos aos quais as empresas estão expostas. Os riscos estão presentes em qualquer atividade de uma companhia e, quando não gerenciados corretamente, podem trazer sérios prejuízos à empresa, inclusive comprometendo sua competitividade e, até mesmo, sua sobrevivência.

Gerir riscos é se antecipar aos problemas, preveni-los. Para começar a identificar riscos é preciso refletir no contexto estratégico da empresa e definir três conceitos: interno, externo e de gestão de riscos.

O conceito interno irá definir as normas de uma organização, sua cultura, objetivos estratégicos, fatores críticos de sucesso, cadeia de valor, estrutura organizacional e ambiente interno. O contexto externo é onde estão as variáveis incontroláveis, como cultura, política, tecnologia, economia, recursos naturais e financeiros e localização física da empresa. Já o contexto de gestão de riscos se refere à política da empresa sobre o assunto. Ou seja, como os riscos são gerenciados, as metodologias e os critérios escolhidos.

Começa então a fase de levantamento dos riscos propriamente dita. Desta etapa, duas perguntas surgirão: O que pode acontecer a uma empresa? Como e por que pode acontecer? A resposta à primeira pergunta é uma lista de possibilidades de perigo. À segunda são as causas e os cenários dos riscos. A análise mais importante é qual a realidade da empresa quanto à segurança, comparada com sua política de gestão de riscos e seus objetivos estratégicos? Qualquer névoa que embace essa

análise irá comprometer a elaboração e implantação de um plano de gestão para minimizar os riscos.

Após listar os perigos, é fundamental defini-los e divulgá-los à empresa. Não há um formato único para classificação de riscos. Cada empresa deve classificá-los da maneira que melhor contemple suas características, identificando o grau de vulnerabilidade e as consequências dessa exposição. Em geral, eles são classificados em Estratégicos, Financeiros, Operacionais e de Conformidade/Legal. Identificar as causas do risco é fundamental, já que esse passo irá colaborar na definição do seu tratamento. É preciso analisar detalhadamente o fluxo de cada processo de trabalho, definindo um diagrama de causa e efeito, o que irá indicar as variáveis que potencializam seus riscos.

O último passo nessa etapa do PGRC é identificar os fatores facilitadores comuns a todos os riscos e quais são os motrizes. Ao tratar os fatores comuns, vários riscos são mitigados ao mesmo tempo. Enquanto que, ao tratar fatores motrizes, diminui-se a probabilidade e/ou o impacto de concretização do risco. Lembrando que os fatores de riscos originados das fraquezas da empresa são aqueles possíveis de tratamento, enquanto que fatores externos não são controláveis.

Montando um Plano de Ação que mitigue os riscos, a próxima etapa do PGRC, o gestor irá definir a prioridade do plano para tratamento dos fatores. Para isso, precisará analisar a probabilidade dos riscos. Mas este assunto fica para a próxima edição. Até lá! ■



Erasmo Prioste, graduado em engenharia civil, com MBA em Gestão de Riscos Corporativos e especialista em segurança de patrimônio, é diretor comercial da Security Vigilância Patrimonial.

CRISE HÍDRICA E DE SEGURANÇA: DÁ PARA CONCILIAR?



Hubert Gebara

Será que a maior crise hídrica dos últimos 82 anos vai fazer os condomínios da região metropolitana de São Paulo esquecerem os problemas de segurança? Infelizmente não vai haver como. Mesmo com as torneiras sem água, não vamos poder esquecer nem por um momento os riscos a que estamos expostos diante da agressão das ruas.

É de lá que chegam as pessoas mal intencionadas, apresentando os mais diversos motivos para quebrar a guarda dos condomínios. Chegam a pé e chegam de carro. Em alguns casos, chegam com carros idênticos aos dos moradores. É um sinal inequívoco de que tiveram tempo de sobra para estudar a vida de quem mora no prédio. Isso significa também que os bandidos têm mais tempo do que nós. Enquanto estamos distraídos, eles estão atentos e nos observam.

Com a crise hídrica, nossa versatilidade vai ser posta à prova. Vamos precisar encontrar tempo para manter nossa guarda fechada ante os diuturnos problemas de segurança e prestar nossa atenção às dicas que a Sabesp nos envia para economizar água nos condomínios. Poderíamos também enviar nossas próprias dicas para a Sabesp: cuidar da tubulação, consertar os vazamentos e combater as muitas fraudes do sistema. Não estamos sequer falando de planejamento. Estamos falando apenas de manutenção.

Para cuidar de nossa própria segurança e economizar água, vamos ter de esperar que a própria concessionária faça a sua parte. E torcer para que a estatal leve a sério a situação gravíssima da atual seca histórica.

Dessa forma, poderemos nos voltar para nossos problemas de segurança, que são muitos. Prova disso é o aumento drástico de confrontos entre policiais e bandidos e o grande número de mortes de ambos os lados em território brasileiro.

Falta d'água e falta de energia elétrica caminham sempre juntas. Convém aos síndicos instalar hidrômetros de medição individual, poços artesianos e, principalmente, geradores de energia elétrica, pois os apagões resultantes poderão ser um agravante. Prédio no escuro é prédio duplamente vulnerável em termos de segurança.

Temos alertado sobre a necessidade dos condomínios adquirirem esses equipamentos. Na falta do gerador, vamos recorrer às luzes de emergência e distribuí-las pelas áreas comuns do prédio. Nas unidades autônomas também não podem faltar. Alguns modelos residenciais de luz de emergência têm autonomia de cerca de oito horas e isso já é um alento. Dá para esperar a luz do dia. ■



Hubert Gebara, vice-presidente de Administração Imobiliária e Condomínios do Secovi-SP (Sindicato da Habitação), presidente eleito da Fiabci Brasil e diretor do Grupo Hubert

PPA, pioneirismo no segmento de segurança



MARCA INVESTE EM TECNOLOGIA E NOVAS SOLUÇÕES PARA OS USUÁRIOS

Por Adriane do Vale

Localizada na cidade de Garça (SP), a PPA é uma empresa genuinamente brasileira. Com mais de 30 anos de história, fornece uma vasta gama de produtos.

Na época de sua fundação, início dos anos 80, os automatizadores de portão eram pouco difundidos no País. Só haviam poucas unidades, em função do elevado custo. Desta forma, a empresa vislumbrou a oportunidade de difundir o equipamento para todas as camadas da sociedade e idealizou uma produção em larga escala e com um custo relativamente baixo, sendo uma das pioneiras do segmento.

Atualmente, a PPA investe pesado em tecnologia, em uma busca incessante por soluções inovadoras. Seu parque fabril conta com equipamentos de última geração que garantem, em conjunto com a capacidade de seus colaboradores, uma



indústria altamente produtiva para atender a forte demanda de mercado.

Há alguns anos passou a oferecer, graças às tecnologias inovadoras e patenteadas, a opção dos automatizadores rápidos, capazes de abrir ou fechar os portões em quatro segundos, ou seja, aproximadamente quatro vezes menos tempo do que os modelos convencionais. A ideia era proporcionar a todos os usuários condições de agilidade e segurança,

em função da redução do tempo de espera na calçada, quando poderia haver a abordagem de criminosos.

Porém, a PPA não respira somente automatizadores de portão. Também tem se destacado na fabricação e comercialização de um vasto portfólio que abrange automatizadores para portas sociais (de vidro, madeira etc.); cancelas automáticas para controle de fluxo em estacionamentos e pedágios; alarmes; e inúmeros outros acessórios de segurança para imóveis.

Para 2015, a marca quer entrar ainda mais na casa e na vida dos usuários, ampliando seu portfólio de produtos. Em breve: novas linhas de fechaduras eletrônicas, porteiros e vídeo porteiros, câmeras e equipamentos de CFTV.

A empresa quer oferecer aos usuários soluções eficientes, afinal, sabem que podem confiar na marca como parceira na geração de conforto com segurança, conforme seu *slogan*. ■

Workshop regional ABESE aborda sistemas eletrônicos de segurança em Brasília

O evento terá como tema central as oportunidades e estratégias de negócios no atual cenário econômico.

A ABESE (Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança), juntamente com o Sindicato das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança do Distrito Federal (Siese –DF), vai promover, no próximo dia 9 de abril, em Brasília, seu primeiro workshop regional de 2015.

O evento é gratuito e dirigido a empresários e colaboradores de empresas de segurança eletrônica. Seu objetivo é facilitar o acesso a informações sobre o segmento e promover discussões em relação às demandas do mercado consumidor de segurança eletrônica no Brasil.

Na ocasião, a segurança eletrônica será abordada sob aspectos, como oportunidades do mercado corporativo em Brasília, competitividade, o valor legal das provas eletrônicas, visão comercial sobre gestão de risco em projetos de segurança eletrônica, além de seguros para associados da ABESE.

Para participar, basta preencher o formulário de inscrição disponível no site da ABESE www.abese.org.br ou entrar em contato com a associação pelos e-mails: abese@abese.org.br e comercial@abese.org.br ou pelo tel.: (11) 3294-8033 e falar com Carla.

O evento será realizado no Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) de Brasília, SCS Quadra 06, Bloco A, Ed. Jessé Freire, 2º andar – Asa Sul.

Este workshop faz parte do calendário de eventos programado para 2015 pelo CCPA (Centro de Capacitação Profissional ABESE), que tem o objetivo de atuar para a profissionalização do segmento de sistemas eletrônicos de segurança.

Programa – Workshop regional ABESE

10h

Abertura

Selma Migliori – Presidente da ABESE

10h15 às 10h45

Mecanismos e diferenciais para aumentar a competitividade

Palestrante: Celina Almeida – Diretora do Instituto Totum

10h45 às 11h15

Soluções e seguros para associados

Palestrante: Amauri Santi - Diretor da IFASEG

11h15 às 12h15

Oportunidades no mercado corporativo e institucional para sistemas eletrônicos de segurança em Brasília

Palestrante: Lea Lobo – Jornalista

12h às 13h45 - Almoço

13h45 às 14h45

Gestão de riscos aplicada em projetos de segurança eletrônica - uma visão comercial

Palestrante: Cláudio Procida – Consultor da ABESE

14h45 às 15h45

Provas eletrônicas: o que tem valor legal

Palestrante: Camilla Jimene - Advogada do Escritório Opice Blum

15h45 às 16h15 - Coffee break

16h15 às 17h

Jurídico ABESE (tema e palestrante a serem definidos)

17h às 18h

Debate

18h - Encerramento

De casa nova

A ABESE terá uma nova sede. A previsão é que isso ocorra em abril. A casa nova terá uma sala exclusiva para o associado, um auditório para 100 pessoas e uma sala de reuniões para 18, com equipamentos de projeção e computadores, salas para presidência, secretaria e área administrativa, copa e recepção. As dependências contarão com ar condicionado e Wi-Fi. Sua localização é privilegiada: rua Coronel Lisboa, nº 432, Vila Mariana, São Paulo (SP), um local de fácil acesso e que, além disso, terá estacionamento conveniado.

Para a presidente da ABESE, Selma Migliori, a nova sede representa mais um benefício aos associados. “Queremos que nossos associados considerem esse espaço seu ambiente de negócios, que participem dos eventos com conforto e comodidade e utilizem a infraestrutura disponível sempre que necessitarem.”



É a nova seção da revista Security Brasil. Nela, a partir de agora, os leitores receberão sugestões de leituras que contribuem para o aperfeiçoamento profissional. Livros escritos por especialistas da área, que agregam conhecimento teórico e prático, transmitindo informações imprescindíveis aos que atuam no setor e necessitam ter uma visão ampla do que é fazer segurança empresarial no Brasil, com suas diversidades regionais e econômicas.

Os leitores também podem participar, enviando dicas de livros que fazem parte de suas bibliotecas particulares e, em suas opiniões, não podem deixar de ser lidos por aqueles que, no dia a dia da profissão, seja no campo da vigilância ou da segurança eletrônica, encontram desafios a serem superados e a bagagem de conhecimento pode fazer a diferença.

Manual de Segurança Corporativa

Publicado pela Editora Atlas



Os autores **Adriana Barroso** e **Fred Andrade** há muito têm se dedicado à segurança empresarial, seja por meio de treinamentos e assessorias, seja por atuação prática em grandes empreendimentos, especialmente comerciais. Obra de relevante interesse a todos os profissionais de segurança, como gestores, supervisores e dirigentes.

Poderá ser recomendado também como leitura auxiliar nos cursos de Relações Humanas, pois seu conteúdo, brilhantemente escrito pelos autores, esclarece a real atuação da segurança privada nas organizações. ■

Envie suas dicas de leitura para debora.luz@editoracasanova.com.br



**X FEIRA BRASILEIRA DE SEGURANÇA E SAÚDE NO
TRABALHO E PROTEÇÃO CONTRA INCÊNDIOS**

um produto FISP



19 a 21
agosto | 2015

Faça o credenciamento no site
www.braseg.tmp.br

Contato: info@fieramilano.com.br | (11) 5585-4355

REALIZAÇÃO



ORGANIZAÇÃO



FILIADO À



MEMBRO DA



LOCAL



Av. Amazonas, 6030
Belo Horizonte - MG

AGENDA

PROGRAMA-SE

15 a 17 abril 2015	ISC WEST – INTERNATIONAL SECURITY CONFERENCE & EXPOSITION	Las Vegas, Estados Unidos Realização: Reed Exhibitions	Informações: Tel.: (800) 840-5602 inquiry@isc.reedexpo.com www.iscwest.com
28 a 30 abril 2015	SECUTECH EXPO 2015	Taipei, Taiwan Realização: A&S Group	Informações: Tel.: +886-2-2659-9080 int'@asmag.com www.asmag.com www.secutech.com
12 a 14 maio 2015	18ª EXPOSEC – INTERNATIONAL SECURITY FAIR	São Paulo, Brasil Realização: Abese Organização: Grupo Cipa Fiera Milano	Informações: Tel.: (11) 5585-4355 www.exposec.tmp.br
12 a 14 maio 2015	27º COBRASE – CONGRESSO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PRIVADA	São Paulo, Brasil Realização: Abseg	Informações: Tel.: (11) 3255-6573 abseg@abseg.com.br www.abseg.com.br
20 a 22 maio 2015	SEGURIEXPO ECUADOR – III FEIRA E CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS DE SEGURANÇA, PREVENÇÃO E CONTROLE	Guayaquil, Equador Realização: Silar Global – Grupo LE	Informações: Tel.: + 593 4 6018 110 ventas@seguriexpoecuador.com www.seguriexpoecuador.com
19 a 21 agosto 2015	X BRASEG – FEIRA BRASILEIRA DE SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO E PROTEÇÃO CONTRA INCÊNDIOS	Belo Horizonte, MG Realização: Abraseg, Animaseg e Sindiseg Organização: Cipa Fiera Milano	Informações: Tel.: (11) 5585-4355 info@fieramilano.com.br www.braseg.tmp.br
28 de setembro a 1º de outubro 2015	ASIS 2015 – 61TH ANNUAL SEMINAR AND EXHIBITS	Anaheim, Estados Unidos Realização: ASIS International	Informações: Tel.: +1.703.519.6200 asis@asisonline.org www.asisonline.org
16 a 18 janeiro 2016	INTERSEC DUBAI	Dubai, Emirados Árabes Realização: Messe Frankfurt	Informações: Tel.: +971 4 3380102 ictoria.lee@uae.messefrankfurt.com
7 a 9 setembro 2016	INTERSEC BUENOS AIRES	Buenos Aires, Argentina Realização: Messe Frankfurt, Cámara Argentina de Seguridad Electrónica (CASEL) e Cámara Argentina de Seguridad (CAS)	Informações: Tel.: + 54 11 4514 1400 Fax: + 54 11 4514 1404 intersec@argentina.messefrankfurt www.intersecbuenosaires.com.ar
27 a 30 setembro 2016	SECURITY ESSEN - 21ST INTERNATIONAL TRADE FAIR FOR SECURITY AND FIRE PREVENTION	Essen, Alemanha Realização: Messe Essen	Informações: Tel.: +49 (0) 201 72 44-229 www.security-essen.de

LANÇAMENTO

Solução AHD

Apresentamos a nova solução em AHD Alive. Muito mais versátil e com grande poder de processamento de imagem (1 megapixel). A nova linha de câmeras AHD é a mais completa do mercado e projetadas para qualquer ambiente.



1 Mega Pixel

2em1

Aceita Câmeras
analogicas e
analogicas AHD

NÃO PERCA NENHUM DETALHE COM A QUALIDADE DE IMAGEM DO DVR AHD ALIVE.

Os DVR's da linha Alive AHD gravam e reproduzem imagens em alta resolução (HD). Permite acesso às imagens via celular, nuvem e DDNS. Disponíveis nas versões 4 canais (AL-DVR 5104 AHD), 8 (AL-DVR 5108 AHD) e 16 (AL-DVR 5116 AHD).



1 Mega Pixel

ALTA QUALIDADE DE IMAGEM PARA SEUS PROJETOS

A linha de câmeras AHD Alive são ideais para projetos de ambientes internos e externos, com alta definição de imagens em tecnologia AHD.

A nova linha Alive oferece a maior variedade de câmeras do mercado.

Câmera Dome ALD-1025 AHD



- IR com alcance de 25m
- Lente de 2,8mm
- Resolução AHD de 1 mega pixel
- Sensor digital 1280x720 (720p)
- IR-CUT

Câmera Bullet ALB-1025 AHD



- IR com alcance de 25m
- Lente de 3,6mm
- Resolução AHD de 1 mega pixel
- Sensor digital 1280x720 (720p)
- IR-CUT

Câmera Bullet ALB-1035 AHD



- IR com alcance de 35m
- Lente de 6mm
- Resolução AHD de 1 mega pixel
- Sensor digital 1280x720 (720p)
- IR-CUT

Câmera Bullet ALB-1040 AHD



- IR com alcance de 40m
- Lente de 2,8-12mm
- Resolução AHD de 1 mega pixel
- Sensor digital 1280x720 (720p)
- IR-CUT



Uma solução única de controle de acesso e impressão para todo tipo de empresa.



Conheça a nova FARGO C50, a impressora de cartões pronta para uso. A C50 pode criar cartões personalizados em questão de minutos.



Seja para imprimir cartões de acesso ou qualquer outro tipo de credencial, FARGO C50 é a impressora de cartões para todos os tipos de empresas devido à sua praticidade, qualidade e acessibilidade.

Sua empresa merece o melhor, sua empresa merece HID. www.hidglobal.com.br